

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Julho 1988



O Presidente apela ao REAVIVAMENTO
Documento: As dinâmicas da Salvação

SEMINÁRIO MARANATA EM OLIVEIRA DO DOURO

— 19 a 27 de Agosto de 1988

Ainda se desvaneceram os ecos do Seminário Maranata de 1986 e eis que outro plano semelhante está sendo programado para 1988: de 19 a 27 de Agosto em Oliveira do Douro. Trata-se de um programa especial de desenvolvimento missionário para as igrejas e será dirigido pelos pastores V. Frikart e José Carlos Costa, departamentais de Actividades Laicas da Divisão e União respectivamente.

Temos o prazer de apresentar alguns testemunhos de irmãos que participaram do Maranata de 1986. Apenas breves excertos de cartas recebidas no Departamento, mas que cremos poderem constituir poderoso estímulo para animar outros (e os mesmos) a participarem no Maranata — 1988:

«Sobre o Curso Maranata a que assisti, terei de dizer simplesmente que foi admirável e me trouxe... inúmeras bênçãos, quer no que aprendi, quer ainda no meu crescimento espiritual.» I. C. (Queluz).

«Foi o maior reavivamento missionário que já vivi na minha vida.... Oxalá que muitos mais nossos irmãos aqui em Portugal tenham o grande privilégio de participar num seminário como este.» F. S. (Lisboa).

«Estou fazendo planos para estar em Oliveira do Douro na data indicada.... Posso realmente afirmar que nos seus 16 anos de igreja aquele foi o melhor programa missionário que conheci.» R. S. (Atalaia do Campo).

«A partir de então, senti que com mais nitidez a responsabilidade de testemunhar de Jesus Cristo.» D. C. (Lagares da Beira).

«Uma experiência inesquecível.... aprendi ensinamentos novos, tais como a maneira de apresentar o Evangelho, o contacto com os nossos amigos e, de uma forma particular, a nossa própria transformação num ser mais perfeito e de harmonia com os princípios cristãos.» S. C. (Leiria).

«Experiência muito especial e maravilhosa.... que me tem ajudado na vida espiritual.» M. J. (Oliveira do Douro).

«A influência do primeiro seminário é notória, penso, em todos os que participaram dessa experiência maravilhosa. Poder transmitir aos outros a razão da nossa fé é coisa que precisa de se aprender já.» E. F. M. (Lagoa).

«Experiência maravilhosa. Os conhecimentos adquiridos para o ensino da pregação e testemunho da verdade deram-me o sentido da responsabilidade.» S. C. (Leiria).

«Estamos fazendo planos para assistirmos ao Maranata próximo.... Não tenho palavras para explicar o que foi para

mim.... foi um pequeno Céu antecipado.» J. M. G. (Porto)

«... a possibilidade de aprender a trabalhar na vinha do Senhor de uma forma prática, simples e com muito bons resultados.... (Relata várias experiências). A influência que tudo isto tem tido na minha vida e nas daqueles que me acompanham é um aumento da nossa fé, é uma alegria e felicidade que não consigo descrever aqui por palavras.» F. J. N. (Lisboa).

«Experiência muito importante e muito agradável na minha vida.... Tem-me ajudado muito na minha vida e também no meu testamento cristão.» Z. O. (Salvaterra de Magos).

«Convívio fraterno e missionário de primeira grandeza, e cujos ensinamentos perduraram durante muito tempo, e que estiveram na origem de actividades evangelísticas que ainda hoje se mantêm.» J. M. (Oliveira do Douro).

«Deu-me a certeza de que podemos conviver e viver harmoniosamente uns com os outros, apesar das nossas dificuldades e preocupações, aqui nesta terra, enquanto aguardamos, activamente, a vinda breve de Jesus.» W. A. (Lisboa).

Já faz a sua inscrição?



Maranata 1986

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Julho 1988
Ano XLVI • N.º 500

DIRECTOR:
J. Morgado

REDACTORA:
M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:
Assinatura Anual 650\$00
Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Santos & Costa, Lda.
Vale Trabalho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 Seminário Maranata em Oliveira do Douro
- 3 Justificação pela Fé
Por J. Morgado
- 4 O Presidente apela ao REAVIVAMENTO
Neal C. Wilson
- 7 As Dinâmicas da Salvação
- 11 Jesus Cristo: mito ou realidade?
Por José Carlos Costa
- 13 Notícias — Jovens
- 20 Notícias do Campo
- 22 O Campo é o Mundo — Notícias

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ



«Pela graça sois salvos,
por meio da fé; e isto não vem
de vós; é dom de Deus.»

Efés. 2:8

Faz cem anos que uma importante sessão da Conferência Geral teve lugar em Minneapolis e nela o assunto estudado foi a justificação pela fé.

Ellen G. White, referindo-se a este acontecimento, escreveu: «Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem ao Seu povo. ...Esta mensagem devia pôr, de maneira mais proeminente, diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo.» — Testemunhos para Ministros, p. 91.

Com o passar do tempo, certas verdades tornaram-se tão correntes que não lhes dedicamos a atenção que merecem. Entre elas encontra-se a justificação pela fé.

Certamente que nos recordamos da grande descoberta feita por Lutero, de que «o justo viverá pela fé». Foi uma descoberta que lhe abriu novos horizontes e o fez passar de um estado de opressão e abatimento, sob uma religião baseada na salvação pelas obras e méritos próprios, à maravilhosa paz e certeza de que a salvação vem unicamente pela graça de Cristo, mediante a fé.

Referindo-se a essa experiência, Lutero escreveu que «esta doutrina nunca poderá deixar de ser ensinada, proclamada e repetida o bastante».

Calvino também se lhe referiu e afirmou: «Ela é a coluna-mestra da religião cristã.

Voltando a Ellen White, eis outras importantes declarações que bem podem corresponder à situação em que nos encontramos hoje:

«A doutrina da justificação pela fé tem sido perdida de vista por muitos que têm professado crer na terceira mensagem angélica.... Não existe um dentre cem que compreenda por si mesmo a verdade bíblica sobre este assunto... Há grande necessidade de que Cristo seja pregado como única esperança e salvação.» — Mensagens Escolhidas, livro 1, p. 360.

E ainda:

«Isto, porém, eu sei, que as nossas igrejas estão perecendo por falta de ensino sobre o assunto da justiça pela fé, e verdades semelhantes.» — Obreiros Evangélicos, p. 301.

Não deveríamos, pois, deixar passar os meses deste ano de 1988 sem nos debruçarmos

seriamente sobre esta preciosa doutrina.

«A mensagem presente — justificação pela fé — é mensagem vinda de Deus. Tem credenciais divinas, pois o seu fruto é para santidade.» — Mensagens Escolhidas, livro 1, p. 359.

«O pensamento de que a justiça de Cristo nos é imputada, não por causa de qualquer mérito da nossa parte, mas como dom gratuito de Deus é um pensamento precioso.» — Ibid., p. 360.

Este número da Revista traz importantes informações sobre esta preciosa mensagem. O número de Junho também lhe foi dedicado. E as leituras da Semana de Oração anual são igualmente baseadas nos mesmo ensinamentos.

Procuremos, através dos livros do Espírito de Profecia, alicerçar bem firmemente esta doutrina «tão necessária ao nosso bem-estar presente e eterno» — Ibid.

J. Morgado



O Presidente apela ao REAVIVAMENTO

NEAL C. WILSON

Nas minhas visitas às igrejas, ao falar com os nossos irmãos e dirigentes em todo o mundo, descubro que existe por parte de muitos um verdadeiro anseio por reavivamento e reforma. Parece haver uma maior percepção quanto às nossas necessidades espirituais.

Este aspecto tem sido frequentemente objecto de debate e oração, e era a grande preocupação de Robert H. Pierson, meu antecessor como presidente de Conferência Geral. Eu, como muitos outros dirigentes da igreja, partilho esta preocupação.

Vários conselhos anuais da Conferência Geral têm apelado às igrejas e ao ministério para darem prioridade ao reavivamento. Em 1979, a Conferência Geral nomeou uma comissão para estudar profundamente o tema da justifi-

cação pela fé, e isso deu origem ao documento «As Dinâmicas da Salvação», publicado na *Advent Review* de Março de 1980, reimpresso em Março de 1988.

Mas o reavivamento não é algo que possa ser votado. Não é algo que possa ser produzido por uma comissão de estudo. Por isso, a despeito de todos os esforços dos dirigentes, a igreja parece continuar à mercê dos ventos que a empurram para a sua condição de feliz mornidão e apostasia.

Os sintomas incluem uma escalada da taxa de divórcios, de práticas e normas questionáveis, de desunião, de focos de rebelião e uma atitude geral de mundanismo. Muitos, entre o nosso povo, são doutrinalmente iletrados e como resultado disso não têm convicções firmes nem empenhamento missionário em relação a este movimento profético.

Disciplina redentiva, ou qualquer outro tipo de disciplina da igreja, parece ser coisa do passado. O comentário do Tolstoy, de que o cristianismo não tem feito quaisquer exigências aos seus seguidores, acabou por ser geralmente verdade na igreja cristã.

Uma cuidadosa comparação do registo de membros com aqueles que de facto assistem às reuniões da igreja revelar-nos-ia, provavelmente, uma aterradora discrepância em certas regiões. Todavia, a questão é: Onde estão eles no Sábado de manhã? Mais importante ainda: Como se encontram espiritualmente?

Meio-despertos?

Embora tenhamos colocado forte ênfase no evangelismo, é absolutamente verdade que «nem um em cem dentre nós estão fazendo mais do que empenhar-se em empreendimentos mundanos comuns. Não estamos meio despertados para o valor das almas por quem Cristo morreu» (*Testimonies*, vol. 8, p. 148). Esta declaração pode ser vista como um artifício homilético, mas uma pessoa pergunta-se se a proporção não é mesmo realística.

Em 1893, Ellen White escreveu: «É uma solene declaração que faço à igreja, de que nem um entre vinte nomes que se acham registados nos livros da igreja está preparado para finalizar sua história terrestre, e achar-se-ia tão verdadeiramente sem Deus e sem esperança no mundo como o pecador comum... Deponho minha pena e ergo a alma em oração, para que o Senhor sobre sobre Seu povo relapso, que são quais ossos secos, a fim de que vivam» (*Serviço Cristão*, p. 41). Qual é hoje a proporção? Alguns talvez sejam tentados a dizer que a proporção dos que se encontram preparados é ainda pior hoje.

Que é que nos levou a esta situação tão pouco digna de inveja? E que é que podemos fazer para a remediar, além de a criticar e lamentar-nos? Se pedíssemos aos nossos líderes para priorizarem as necessidades da igreja, talvez a sua lista fosse a seguinte:

Precisamos de:

- entrar em novos territórios
- matricular nas nossas escolas todos os jovens adventistas
- empregar mais obreiros
- ampliar a nossa obra médica
- fazer circular mais literatura
- aumentar o envolvimento laico
- aumentar a nossa base financeira

São objectivos excelentes e dignos. Mas alcançá-los sem ir ao encontro das mais profundas necessidades espirituais do coração de cada membro não atingirá os nossos verdadeiros objectivos.

Afirmando a Graça de Cristo

Neste ponto, talvez que o irmão, prezado leitor, sinta que este apelo é largamente negativo e até um pouco desanimador. Todavia, há-de descobrir que eu afirmo que a graça de Cristo pode transformar uma perspectiva negativa em positiva, e que as promessas de Deus são a mais radiosa esperança para esta situação. No meu estudo pessoal da Bíblia e do Espírito de Profecia, cheguei à conclusão de que há três elementos principais

capazes de manter acesa a chama espiritual no coração do cristão. São eles: *estudo da Bíblia, oração e testemunho*. Temos dado grande realce ao aspecto do testemunho. Encontramo-nos presentemente empenhados na Colheita 90 e estamos avançando para uma estratégia global. De modo algum deveríamos diminuir esta ênfase. Mas o que é que fizemos, de modo tangível, para fazer a igreja avançar em direcção ao estudo da Bíblia e à oração?

A igreja, e cada um de nós individualmente, precisa de uma renovação do estudo da Bíblia, precisa de uma renovação da oração fervorosa e de uma renovação do fervor de testemunhar para nosso Senhor. É por isso que eu apelo a que avancemos agora em direcção a esta renovação, a que participemos todos naquilo a que poderíamos chamar uma *iniciativa de renovação adventista*.

Jesus perguntou um dia: «Quando vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?» (Luc. 18:8). Dedicção e consagração ao nosso Senhor e à Sua igreja constroem-se sobre a fé e «a fé é pelo ouvir e o ouvir pela palavra de Deus» (Rom. 10:17).

Estudo da Bíblia

A razão da escassez da fé nos últimos dias é a falta de conhecimento e compreensão da Palavra de Deus. O Espírito Santo opera a partir do domínio da revelada vontade de Deus — a Sua Palavra. É na medida em que alguém estuda a Bíblia, ou ouve a palavra falada, que o Espírito Santo tem oportunidade de entrar na sua alma e levar-lhe convicção e conversão.

Há cem anos, Ellen White referiu-se à importância do estudo da Bíblia como um escudo protector contra os assaltos de Satanás. «Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal avivamento da primitiva piedade como não foi testemunhado desde os tempos apostólicos. O Espírito e o poder de Deus serão derramados sobre os Seus filhos. Naquele tem-

po muitos se separarão das igrejas em que o amor deste Mundo suplantou o amor a Deus e a Sua Palavra. Muitos, tanto ministros como leigos, aceitarão alegremente as grandes verdades que Deus providenciou que fossem proclamadas no tempo presente, a fim de preparar um povo para a segunda vinda do Senhor» (*O Conflito dos Séculos*, p. 340).

Notai, cuidadosamente, os seguintes pontos:

- Este reavivamento da primitiva piedade ocorre exactamente antes do fim do tempo.

- Este reavivamento excede todos os reavivamentos que tiveram lugar desde os tempos apostólicos.

- Este reavivamento leva muitos a separarem-se de outras igrejas e a aceitarem as verdades que nós proclamamos.

- A experiência deste reavivamento prepara o povo para a segunda vinda do Senhor.

- Está implícito que, entre aqueles que receberam o derramamento do Espírito e poder de Deus, o amor a Deus e à Sua Palavra não foram suplantados pelo amor ao mundo.

O mesmo capítulo, que tem o título de «Despertamentos Religiosos Modernos», torna claro que grandes movimentos do futuro incluirão reavivamento baseados em excitação emocional e numa mistura de verdadeiro com o falso, a qual confundirá o povo. «Contudo, ninguém necessita de ser enganado.» A luz da Palavra de Deus pode proteger-nos de ser desencaminhados. Mas, «Onde quer que os homens negligenciem o testemunho da Sagrada Escritura, desviando-se das verdades claras que servem para provar a alma e que exigem a renúncia a si mesmo e ao Mundo, podemos estar certos de que ali não é autorgada a bênção de Deus» (*Ibid.*).

E «nas verdades da Sua Palavra, Deus deu aos homens a revelação de Si mesmo; e a todos os que as aceitam servem de escudo contra os enganos de Satanás. Foi a negligência destas verdades que abriu a porta aos males que tanto se estão generalizando agora no mundo religioso» (*Ibid.*, p. 341).

Embora este capítulo trate da obediência à lei de Deus como parte da fórmula para o reavivamento, Ellen White usa o termo *lei* num sentido mais amplo do que apenas os Dez Mandamentos. Na página 350, salienta: «É quando contemplamos que somos transformados. E, negligenciando os preceitos sagrados nos quais Deus revelou aos homens a perfeição e santidade do Seu carácter, e atraindo o espírito do povo aos ensinamentos e teorias humanas, que de estranho poderá haver no conseqüente declínio na viva piedade da igreja?... É somente na medida que se restabeleça a lei de Deus na sua posição exacta, que poderá haver avivamento da primitiva piedade entre o Seu povo professo. 'Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos e vêde, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para as vossas almas.'»

Regresso à Palavra

Esta declaração contém vários conceitos importantes:

1. O carácter de Deus, a Sua vontade e a Sua santidade são desconhecidos de muitos, porque eles, simplesmente, não O contemplam através da Sua Palavra.

2. Os ensinamentos e teorias humanas estão sendo recebidos pelo povo, o que resulta num declínio da viva piedade na igreja.

3. A nossa única esperança de um reavivamento da primitiva fé e piedade reside num regresso à Palavra, a lei de Deus que revela as antigas veredas, o bom caminho.

Um estudo aprofundado das Escrituras é a principal chave para reavivamento e reforma e uma salvaguarda contra a apostasia.

Poderia dar-se o caso de a Providência ter ordenado 1988 como um ano de reavivamento e reforma na Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Uma outra declaração relativa à nossa necessidade de estudar as Sagradas Escrituras encontra-se em *Testimonies*, volume 5, pág. 273: «Requere-se que o cristão seja diligente em pesquisar as Escrituras, em ler e reler as verdades da Palavra de Deus. Ignorância obstinada nesta matéria põe em perigo a vida e o carácter cristãos. Cega o entendimento e corrompe as mais nobres capacidades. É isso que traz confusão às nossas vidas. O nosso povo precisa de compreender os oráculos de Deus; precisam de ter um conhecimento sistemático dos princípios da verdade revelada, os quais os habilitarão para o que está para vir sobre a terra e evitarão que sejam arrastados por qualquer vento de doutrina.»

Este conceito estabelece que um estudo aprofundado das Escrituras é a principal chave para reavivamento e reforma e uma salvaguarda contra a apostasia.

Poderá haver um tempo melhor para renovar a nossa experiência cristã do que exactamente *agora*? A sua estrutura de apoio já está sendo preparada e vai permitir um estudo intensivo das doutrinas fundamentais que fazem de nós uma igreja. As lições da Escola Sabatina dos dois últimos trimestres deste ano focam as nossas 27 crenças fundamentais. *Seventh-day Adventists Believe...* [Os Adventistas do Sétimo Dia crêem...], o livro de doutrina, de 325 páginas em que temos vindo a trabalhar durante dois anos entrou na tipografia no dia 1 de Maio. (A edição portuguesa sairá um pouco mais tarde, quando o original estiver disponível para tradução.)

O manuscrito deste livro foi lido e criticado por mais de 200 estudiosos e dirigentes da igreja, em todo o mundo. Cada um dos 27

capítulos trata profundamente de uma das nossas crenças. E contudo, este livro está escrito de tal maneira que cada membro de igreja pode compreender e captar a importância destas grandes verdades que nos unem.

O Ano da Oportunidade

Poderia dar-se o caso de a Providência ter ordenado 1988 como um ano de oportunidade sem precedentes para reavivamento e reforma na Igreja Adventista do Sétimo Dia? Que as lições da Escola Sabatina, que o livro *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...*, e que a ênfase dada à justificação pela fé (*Revista Adventista de Junho*) nos conduzissem à espécie de fé em Deus que abrirá caminho para Ele nos conceder poder para terminarmos o Seu trabalho nesta terra?

Eu anseio ver um grande movimento de renovação, reavivamento e reforma na Igreja Adventista do Sétimo Dia — uma onda viva de espiritualidade, a qual nos há-de levar a um viver mais íntimo com Deus. Anseio ver uma nova consagração às grandes verdades para este tempo.

Unir-se-á a mim, membro? Orará comigo, pastor? Administrador, educador, médico, assistente pastoral, ancião local — seja qual for a posição de liderança em que Deus vos colocou, o Senhor espera que cumpra a sua responsabilidade em levar o Seu povo a uma mais profunda experiência com Ele.

Unamo-nos todos na busca da experiência de renovação espiritual de que carecemos.

Neal C. Wilson é presidente da Conferência Geral

As Dinâmicas da SALVAÇÃO

Texto de um documento produzido por uma Comissão de Estudo em 1980 e reimpresso em 1988. Apresenta importantes dados nos quais se fundamenta a compreensão da igreja no que se refere à justificação pela fé.

Nos anos 70, sobretudo na América do Norte, os Adventistas do Sétimo Dia discutiram e debateram longamente o tema da justificação pela fé. Houve reuniões especiais em vários lugares e não foi possível evitar uma certa agitação quanto a vários pontos.

Neal C. Wilson, eleito presidente da Conferência Geral no Conselho Anual em 1978, quando Robert H. Pierson se aposentou, tomou posse do seu cargo em Janeiro de 1979. Na *Advent Review* de 24 de Maio do mesmo ano, foi publicada numa «Carta Aberta à Igreja», na qual ele apelava a todos para «procurarem diminuir o dilúvio de cassetes, livros, folhetos e miscelânea de documentos» e evitarem «toda a controvérsia e debate contencioso sobre este assunto» até que «um grupo representativo de leigos, pastores, evangelistas, teólogos, historiadores da igreja, estudiosos bíblicos, redactores e administradores da igreja» examinassem e estudassem todos os pontos com ele relacionados e partilhassem com a igreja os resultados do seu estudo. Este grupo, a Comissão Consultiva sobre a Justificação pela Fé, era constituído por 145 membros, os quais se reuniram em Washington D.C., de 3 a 4 de Outubro de 1979.



Neal C. Wilson, que se tornou presidente da Conferência Geral em 1979, nomeou logo a seguir uma comissão de 145 membros para estudarem o tema da justificação pela fé, acerca do qual havia contínuos debates. O trabalho desta comissão culminou com a primeira publicação do documento «As Dinâmicas da Salvação», em 1980.

A Comissão Consultiva nomeou um conselho redactorial encarregado de preparar para publicação os diferentes materiais saídos dessa reunião. Composto por 24 elementos, este último comité reuniu-se de 4 a 7 de Fevereiro de 1980 e preparou o documento «As Dinâmicas da Salvação». Este foi seguidamente distribuído a todos os membros da Comissão Consultiva, a fim de ser analisado e criticado, sendo por último revisto de harmonia com as respostas obtidas. O documento final «As Dinâmicas da Salvação» foi publicado em 31 de Julho de 1980 na *Advent Review*.

As Dinâmicas da Salvação é um estudo documental e não uma declaração de credo. No entanto, ele representa o culminar de vários debates e palestras, de vários estudos e pesquisas, durante os anos 70 e constitui, conseqüentemente, uma importante declaração da igreja quanto à sua compreensão desta doutrina cristã vital.

Diversos assuntos, entretanto surgidos, concitaram a atenção dos membros e isso fez com que o documento ficasse mais ou menos esquecido. Não cremos que ele tivesse sido publicado em português. Mas neste ano especial, em que o tema da justificação pela fé está de novo em foco, dado o centenário da célebre reunião de Mineápolis, a *Advent Review* voltou a publicá-lo. (17 de Março de 1988).

A *Revista Adventista* tem o prazer de o publicar integralmente neste número (Julho de 1988). O nosso desejo sincero — e a nossa prece ao Senhor — é que o seu estudo aprofundado resulte em grande benefício espiritual para a Igreja Adventista em Portugal.

As Dinâmicas da Salvação

A história da nossa salvação é inexaurível. Expõe o mistério do mal e revela o mistério da cruz, através do qual o amor divino vence o mal. Fala da condição desesperada da família humana e do plano e poder de Deus para nos restaurar à Sua imagem. São as incríveis boas novas de que Deus fez por nós e faz em nós o que não poderíamos fazer por nós mesmos, nem mereceríamos.

Esta história será o nosso estudo e cântico por toda a eternidade. As nossas mentes continuarão a ser fortalecidas pela contemplação do «mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos seus santos» (Col. 1:26), e seremos capazes de discernir os tesouros, cada vez mais ricos, do amor e sabedoria divinos.

Contudo, as boas novas são para todos. Embora as suas profundezas constituam um repto para as mentes mais agudas, elas são suficientemente simples para até uma criança as compreender. Deus tornou-as simples para que cada membro da família humana as pudesse ouvir e desejar saber mais, e desejando-o, pudesse ser ganhado pela história do amor divino. Ele queria que cada um de nós chegasse à compreensão de que em Jesus Cristo nós somos aceites, redimidos e adoptados na família de Deus na Terra e no Céu. Esta certeza transforma o desespero em esperança e a desolação em alegria; porque o poder transformador do amor de Deus faz-nos novos homens e mulheres em Cristo.

Os Adventistas do Sétimo Dia entendem o Evangelho num contexto particular. Nós vemo-lo à luz das mensagens finais para os últimos dias, mensagens dos três anjos de Apocalipse 14:6-12. A nossa missão é completar e proclamação do «Evangelho Eterno» em todo o mundo, exactamente antes da volta de nosso Senhor. É a mesma história, a eterna história, a única história do Génesis ao Apocalipse — a mensagem do terceiro anjo, é-nos dito, centra-se na justificação pela fé (*Evangelismo*, p. 190) — mas é proclamada no contexto dos acontecimentos finais da história da Terra e do ministério de Cristo no Céu (Dan. 7, 8; Apoc. 3, 4; Heb. 8-10).

Vemos também uma dimensão cósmica na história da nossa salvação. O plano divino reconcilia todas as coisas no Céu e na Terra através da cruz de Cristo (Col. 1:20). O conflito dos séculos entre o bem e

o mal teve origem no Céu, na rebelião de Lúcifer contra Deus. Propagou-se a esta Terra, quando os nossos primeiros pais deram ouvidos ao tentador; o pecado tornou-se assim parte de nós, e o nosso mundo transformou-se na arena em que Cristo disputa a Satanás a nossa lealdade.

A lei de Deus, que é uma expressão do Seu carácter, desempenha um importante papel nesta controvérsia. Lúcifer negou a justiça e bondade da lei, rejeitou a sua autoridade; e reivindicou que ela não poderia ser obedecida; ele e os seus súbditos continuaram a opor-se-lhe. No entanto, Deus, ao salvar homens e mulheres da rebelião e pecado, permanece fiel ao Seu próprio carácter e à Sua lei; a Sua misericordiosa acção, ao mesmo tempo que nos salva, reivindica o Seu carácter e a Sua lei; e reconcilia o mundo consigo (II Cor. 5:19; *Patriarcas e Profetas*, pp. 68, 69).

Este estudo centra-se nas dinâmicas da salvação. Não procura abarcar todos os aspectos do plano da salvação, do mesmo modo que não pretende sondar todas as profundezas dos seus mistérios. A sua preocupação é com homens e mulheres, aqui e agora; esforça-se por contar de modo claro as boas novas que Deus tem para nós. Estas boas novas, o Evangelho, são tão totalmente diferentes dos modos de pensamento humano que causam surpresa e admiração. Elas são facilmente distorcidas ou perdidas ou obscurecidas — até pelo debate teológico. Por isso, elas devem ser ditas e re-ditas, examinadas cada vez mais profundamente, ouvidas de novo uma vez e outra.

Secção 1. A desesperada necessidade da humanidade

Antes de podermos aceitar as boas novas, temos de reconhecer a nossa desesperada necessidade. Temos de ver que não há nada que possamos fazer para restaurar o nosso contacto com Deus, ou para melhorar a nossa natureza má. Para obviar a tão grande pobreza — mental, física, espiritual — vem a salvação de Deus.

1. Estamos condenados diante de Deus (Rom. 3:19, 20). Nós somos rebeldes de coração e rebeldes na acção, e encontramos-nos separados de Deus e uns dos outros. Mesmo «as nossas justiças» são «como trapo da imundícia» aos Seus olhos,



«Penso que este documento provê uma excelente compreensão daquilo em que a liderança desta igreja crê, no que se refere à justificação pela fé», diz J. R. Spangler, redactor da revista *Ministry*. Ele foi membro de várias comissões que levaram ao Comité Consultivo de 1979.

porque os nossos motivos são, quando muito, misturados: gloriamo-nos na nossa reputação; somos orgulhosos das nossas boas obras; comparamo-nos com os outros. Quando nos virmos como Deus nos vê, saberemos que somos uma mistura de bom e mau, sempre um feixe de desejos, emoções e aspirações em conflito. No mais íntimo do nosso ser, somos corruptos: «Toda a cabeça está enferma e todo o coração. Desde a planta do pé até à cabeça, não há coisa sã, senão feridas e inchaços, e chagas podres» (Isa. 1:5, 6).

Tão-pouco podemos mudar a nossa posição diante de Deus. Nenhum sacrifício, nenhum dom, nenhum acto de devoção — nenhuma obra de nenhuma espécie — pode restaurar a relação quebrantada. Os nossos primeiros pais foram criados à imagem de Deus, mas essa imagem tornou-se desfigurada (Gén. 1:27; *Testimonies*, vol. 4, pág. 294). Após a queda, eles fugiram da presença de Deus. «O pecado manchou e quase totalmente obliterou a imagem de Deus no homem» (*Patriarcas e Profetas*, p. 595), e nós continuamos a fugir d'Ele.

2. Estamos separados dos nossos verdadeiros eus. Estamos dilacerados por dúvidas e conflitos; estamos amedrontados pelas profundezas de pecado em que vemos os outros, e sentimos dentro de nós a onda do mesmo mal. Estamos sobrecarregados pela culpa, porque estamos destituídos da glória de Deus (Rom. 3:23). Proclamamos a nossa liberdade, mas estamos sujeitos ao jugo da servidão (Gál. 5:1) e somos servos da corrupção (II Ped. 2:19).

3. Estamos também separados uns dos outros. Procuramos juntar para nós riquezas e crescer em reputação a expensas dos outros; deste modo, somos ciumentes e desconfiados, invejosos e manhosos, insensíveis e perversos (Jer. 17:9). O sistema de relações humanas estabelecido pelo Criador está em farrapos (Rom. 1:28-32); nós procuramos remendá-los aqui e ali, mas todos os nossos esforços são fragmentários e inadequados.

4. Estamos separados do mundo criado. Deus designou-nos para ter «domínio» sobre todo o mundo (Gén. 1:26; Sal. 8:6), mas nós mudámos a mordomia em exploração. Devastamos os recursos da terra, consumindo-os vorazmente e aplicando tudo o que encontramos para os nossos próprios fins egoístas (Apoc. 11:18).

Assim, a humanidade encontra-se numa condição desesperada. Todos os nossos planos, esperanças e esforços estão corrompidos pelo nosso egoísmo. Individual e

colectivamente, estamos condenados pelo que fizemos e pelo que somos, pelo espírito de rebelião contra Deus, que faz parte de nós, pela nossa alienação e pecado totalmente intrínsecos (Rom. 5:18; *Aos Pés de Cristo*, 6.^a edição, pp. 15:19).

Estamos perdidos, cheios de ansiedade e solidão. E somos impotentes para nos ajudarmos a nós próprios.

Secção 2. A iniciativa divina

As boas novas da Bíblia são que Deus tomou a iniciativa de nos salvar. Ele vem até nós, na nossa condição de perdidos, oferecendo-nos a salvação em toda a sua plenitude.

O Evangelho inverte toda a compreensão e esforços humanos. Por natureza, nós agimos tendo em vista resultados: a recompensa deve condizer com o esforço despendido. Mas as boas novas são que «o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor» (Rom. 6:23). Porque, «onde o pecado abundou, superabundou a graça» (Rom. 5:20). Deus é generoso no Seu amor, é pródigo de um modo incompreensível para nós.

Através de toda a Bíblia, Deus toma a iniciativa de salvar. Logo após o primeiro pecado, Ele veio à busca do homem. E o Seu chamado «Onde estás tu?» (Gén. 3:9) ecoa através dos séculos. Ele chama Abraão e faz dele o pai dos fiéis (Gén. 12:1-3; 15:6-21; Heb. 11:8-10). No Egipto, é Ele quem inicia o processo de resgate da servidão das tribos hebraicas (Êxo. 3:6-10), e em Babilónia intervém de novo para os trazer do exílio, de volta ao lar (II Crón. 36:22, 23).

Esta actividade salvadora de Deus é expressa pela palavra *justiça*. A Bíblia mostra a justiça de Deus através do que Ele faz; não se trata meramente de um estado; mas antes de algo que se manifesta de forma sublime e única na actividade de salvar. E nessa actividade Israel encontrou esperança. Assim, o Salmista exclama: «Senhor, guia-me na tua justiça» (Sal. 5:8) e «Livra-me pela tua justiça» (cap. 31:1 71:2), enquanto Deus anuncia: «Faço chegar a minha justiça e não estará ao longe, e a minha salvação não tardará» (Isa. 46:13; cf. 51:5; 56:1, etc.). Deste modo, podemos dizer que a justiça de Deus traz salvação; por isso Deus é chamado «O SENHOR JUSTIÇA NOSSA» (Jer. 23:6).

A justiça salvadora de Deus não está em conflito com a Sua lei eterna. No Sinai, a lei foi dada de forma escrita, como parte do acto salvador de Deus, para definir os termos da relação de concerto entre Deus e

Em Jesus
Cristo, somos
aceites,
redimidos
e
adoptados

os Seus filhos terrenos, mas não como um meio de salvação. A lei adverte que Deus não justificará o ímpio (Êxo. 23:7), porquanto diante d'Ele «não se achará justo nenhum vivente» (Sal. 143:2). E dado que Deus, como «juiz de toda a terra» (Gén. 18:25), não pode agir injustamente, cada pessoa deve esperar uma sentença de condenação na base da sua actuação. Compreendendo isto, o Salmista suplica: «Não entres em juízo com o teu Servo» (Sal. 143:2). Porque e lei, dada por iniciativa de Deus, diz a homens e mulheres o que devem fazer, mas não como obter a salvação; somente Deus pode criar um coração puro (Sal. 51:10), e o profeta anuncia que o Escolhido de Deus «justificará a muitos: porque as iniquidades deles levará sobre si... Ele levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercede» (Isa. 53:11, 12).

Em Jesus Cristo, a iniciativa divina atinge um clímax único. Deus tem continuamente intervindo para trazer salvação; agora, num acto supremo de dádiva de Si próprio, Deus o Filho torna-se o Cristo encarnado. «O Verbo se fez carne, e habitou entre nós» (João 1:14). Tornou-se um conosco, partilhando a nossa sorte, mostrando-nos o que é a verdadeira humanidade — humanidade feita à imagem de Deus. Ele sofreu e foi provado, lutando contra o tentador (Heb. 2:14, 17; 5:7-9). Ele «em tudo foi tentado, mas sem pecado» (Heb. 4:15). Pela palavra e pela vida, pela morte e ressurreição, o Deus-homem, Jesus Cristo, traz-nos as boas novas do amor de Deus e a salvação que Ele nos oferece (João 3:16).

Repetidas vezes, a vida e ensinamentos de Jesus revelam o carácter de Deus (João 1:18). Em vez de nos encolhermos cheios de medo, ou de fugirmos d'Ele em rebelião, é-nos concedido chamar-Lhe «Pai nosso» (Mat. 6:9). Tudo o que vemos de bondade, de cuidado e amorável provisão na paternidade humana é, quando muito, um pálido reflexo do Pai Celestial. Ele é o Provedor divino que cuida até das aves e dos lírios do campo (vrs. 25:34); Ele é o Amante divino, que considera cada pessoa na terra como Seu filho, mesmo que a Sua paternidade não seja reconhecida (Mat. 5:43-48); Ele é o Dador divino, que Se deleita em derramar as Suas bênçãos sobre os Seus filhos (Mat. 7:7-12).

A Sua generosidade causa-nos admiração. Ele esbanja salvação; nós não fazemos nada para a ganhar. Ele não é um soberano irado nem um juiz exigente. Antes concede liberalmente, sem ter em consideração o que merecemos. A nossa única condição é a nossa necessidade; não pode-

mos exigir-Lhe nada (cf. Mat. 18:23-25; 20:1-16; Luc. 18:9-14).

A graça de Deus surpreende sempre aquele que a si próprio se considera justo. São os pseudo «justos» que desafiam os ensinamentos de Jesus. Eles não podem admitir a ideia de que a salvação é, de facto, totalmente gratuita. Apegam-se a um qualquer vestígio de actividade humana meritória, a um qualquer resquício de suas próprias consequências, nos quais possam encontrar alguma secreta satisfação (Mat. 21:31; Luc. 14:11).

A missão de Jesus está de acordo com esta revelação de Deus. Ele vem como o Enviado do Pai (João 5:36, 37), a personificação viva do amor divino a um mundo perdido. Ele não veio para condenar-nos, mas para salvar-nos (cap. 3:16-21; Mat. 1:21).

Esta missão é uma declaração de libertação do homem (Luc. 4:16-21). Cristo liberta-nos do cativeiro do maligno. Liberta-nos da morte eterna (Heb. 2:14, 15). Liberta-nos da culpa. Proclama «o ano aceitável do Senhor» (Luc. 4:19), oferecendo perdão a todos os que crêem. Vimos a Ele abatidos, oprimidos, escravizados; voltamos alegres, nascidos de novo para viver como filhos e filhas do Deus que perdoa.

A missão de libertação de Jesus conduzia inevitavelmente à cruz. Ele anteviu-a, temeu-a, mas aceitou-a em conformidade com a vontade divina. Toda a Sua vida tinha apontado para ela; tão importante como era para Ele viver entre nós e para nós, foi apenas pela Sua morte que Deus pôde salvar-nos (Rom. 3:21-26; *Fundamentos da Educação Cristã*, p. 382).

Ele era «o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo» (Apoc. 13:8). Antes que o mundo fosse criado, Deus determinara enfrentar a crise gerada pelo pecado e morte (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 14; *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 5, p. 1149). O pecado não é uma coisa ligeira, e Deus não passa ligeiramente sobre ele; a iniciativa divina satisfaz as exigências da lei quebrantada. Deus é justo, e o justificador daquele que crê em Jesus (Rom. 3:26) — através da cruz. Deus, não-somente haveria de Se tornar carne e lutar contra a tentação sem a ela sucumbir (Heb. 4:15); no acto supremo que coroaria a incrível série de iniciativas divinas, Ele haveria de morrer numa ignominiosa cruz como Substituto de todos nós. «Achando-se na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz» (Fil. 2:8).

Jesus morreu por toda a pessoa em to-



Laurel Damsteegt, que possui uma licenciatura em Teologia e trabalhou como pastor-adjunto numa igreja da Virgínia, Estados Unidos, foi uma das quatro mulheres nomeadas para a Comissão Consultiva da justificação pela fé. Fez também parte do grupo editorial, composto por 24 elementos, que ajudaram a preparar o documento final. «Ao relê-lo, fico ainda tocada pela beleza da mensagem», declara.



JUVENTUDE ADVENTISTA

JESUS CRISTO: mito ou realidade?

Eis uma declaração de Rousseau a respeito do Evangelho: «Contém sinais de verdade tão grande, tão notáveis, tão perfeitamente inimitáveis que o seu inventor teria de ser mais surpreendente do que o próprio herói.»

A — Teorias que negam a historicidade de Cristo. Foram os enciclopedistas franceses do século XVIII os primeiros a difundir a negação da historicidade de Jesus Cristo.

1. *Jesus nada escreveu* — Eis o primeiro argumento e isto é certo. Contudo, o mesmo aconteceu com muitos milhares de personagens históricos! Nada deixaram escrito e nem por isso se pode negar a sua existência, ou acaso ousaríamos negar que Sócrates, Afonso Henriques, Napoleão existiram?

2. Carlos Francisco Dupuis (1742-1809), publicou em 1794 uma volumosa obra intitulada: «*A Origem de Todos os Cultos*»; nela afirmava que Cristo é um mito solar e que até mesmo o nome de «Cristo» era uma transliteração do nome Christna, da Índia.

3. Napoleão nunca existiu — Quando o argumento de Dupuis estava no seu apogeu, o francês J.B. Péres publica um folheto, em 1835, com o título «*Napoleão Nunca Existiu*.»

Utilizando argumentos míticos como Dupuis, demonstrava que Napoleão era apenas um mito. Muitas pessoas acreditaram nos seus argumentos.

4. No princípio do século XIX, o teólogo alemão, David Frederico Strauss, escreveu duas obras acerca da vida de Jesus.

Em ambas, a sua tese é que Jesus nunca existiu — foi um mito: «surgido da ideia preconcebida que o povo judeu tinha do Messias.»

Strauss pertenceu à mesma escola mítica do francês Carlos Francisco Dupuis. Refutando-o, Filipe Shaff mostra que as profecias podem prefigurar eventos, mas jamais criá-los. Todas as grandes revoluções que ocorreram no mundo foram dirigidas por homens vivos, e não por personagens mitológicas.

Os Impérios antigos e modernos, as invenções e as grandes descobertas tiveram a sua «origem em personagens rigorosamente históricas e muito bem definidas como iniciadores ou guias.»² Pergunta Schaff: «E por que razão o cristianismo que produziu a mais estúpida de todas as revoluções morais de que se faz menção na História, seria uma exceção à regra?»³

Não se pode de maneira alguma admitir, como pretende Strauss, que os discípulos forjaram esse personagem mitológico baseado na descrição do Antigo Testamento.

Eram, na totalidade, homens indoutos, incapazes mesmo de criar um tão sublime carácter como foi Jesus.

Considerar Jesus como um mito implica desconhecer a existência de contemporâneos tão vinculados à sua vida como os imperadores Augusto (23 A.C. a 14 A.D.) e Tibério (14-37 A.D.), Herodes, o grande rei da Judeia (40-4 A.C.), título conferido pelo senado romano, alguém perfeitamente identificável, pois foi quem ordenou a triste chacina das crianças; Herodes Agripa, tetrarca da Galiléia e Pérsia (4 A.C. a 39 A.D.), o que ordenou a decapitação de João Baptista;

JOSÉ CARLOS COSTA

Pôncio Pilatos, procurador romano da Judeia (26 a 37 A.D.), o qual consentiu na morte de Jesus; os seus sumo-sacerdotes, que exerciam funções durante a vida do Senhor Jesus Cristo, Anás (6 a 15 A.D.), posteriormente reintegrado pelo genro Caifás, Pilatos governador da Judeia.

B — O Argumento do Silêncio

Em 1904, o advogado italiano Emilio Bossi publicou, sob o pseudónimo de Milesbo, um grosso volume intitulado «*Jesus Cristo Jamais Existiu*» Baseia a sua afirmação de que à parte a Bíblia, nenhum escritor contemporâneo (profano), fala de Jesus.

Cifa exemplos: Juvenal, Plutarco e Séneca.

1. Décimo Juvenal (50 a 130 A.D.), foi um poeta latino que combateu os vícios da sociedade romana. Portanto, é natural que não se ocupasse de Jesus. Que vício podia encontrar n'Ele ou na Sua doutrina?

Lamentavelmente, Milesbo ignora um contemporâneo de Juvenal, Luciano, que no seu trabalho sobre a «*Morte do peregrino*» se refere ao Nazareno e o apresenta como uma personagem real.

2. Plutarco (45-125 A.D.), nasceu na Grécia, mas residiu muitos anos em Roma onde se destacou como professor; entre os seus alunos, Trajano e Adriano que vieram a ser imperadores. É o autor de «*Vidas Paralelas*» conjunto de 50 biografias de personagens notáveis, entre elas há referência a Jesus.

C — Fontes Judaicas

1. Talmude — Trata-se de um repositório de leis judaicas. O

Talmude não se ocupa em falar de Cristo ou do cristianismo. Há, porém, algumas referências a Cristo, *ainda que hostis*, as quais «prestam-se para ao menos comprovar que não restava a mínima dúvida quanto à historicidade de Jesus.»⁴ Podemos ler: «Jesus foi crucificado na véspera da Páscoa... visto que nada fez em seu favor, foi crucificado na véspera da Páscoa.»⁵

2. Flávio Josefo (nasceu 37 em A.D.), historiador judeu radicado em Roma após a destruição de Jerusalém. Entre os anos 75 a 79 publicou: «*Histórias das Guerras Judaicas*» Em 94 publicou «*Antiguidades Judaicas*»

Ainda que não trate de Cristo nas suas obras, Josefo menciona-O algumas vezes, e é isto que nos interessa. São dele as palavras: «Mas o jovem Anano que, segundo já observámos, recebeu o sumo-sacerdote, era de disposição ousada e excepcionalmente arrojado; seguia a facção dos saduceus que são rigorosos no julgar, acima de todos os demais judeus, conforme o demonstrámos. Sendo desta disposição, portanto, concluiu que tinha agora excelente oportunidade, uma vez que Festo era morto e Albino ainda se achava em caminho, reuniu, pois um Conselho de Juizes e perante ele fez comparecer o irmão de Jesus, chamado o Cristo, cujo nome era Tiago.»⁶

A narrativa é de particular importância pois que: qualifica a Tiago como o irmão de Jesus, chamado o Cristo, em moldes que sugere que já havia feito referência prévia a Jesus.

3. José Klausner, escritor judeu contemporâneo dá-nos a seguinte contribuição: «Conquanto a informação que possuímos seja fragmentária, podemos concluir confiantemente que Jesus em verdade existiu, que possuía personalidade excepcionalmente notável, viveu e morreu na Judeia, no tempo de ocupação romana.»⁷

D — Fontes Pagãs

1. Plínio, o Moço (62-113 A.D.). Era governador da Betúnia, Ásia Menor. Escreveu no ano 112 A.D., uma carta ao Imperador Trajano, procurando saber como tratar com os homens que faziam parte de uma seita chamada cristã. Diz a carta: «Como nunca participei em nenhum processo contra os cristãos, não estou familiarizado com os métodos que devem ser seguidos no interrogatório ou

com as restrições que tenha que levar em conta ao ditar a sentença... Entretanto sustêm eles que toda a sua culpa ou erro consiste em que observam o hábito de reunir-se em determinado dia, antes do amanhecer, quando cantam hinos a Cristo como a um Deus.»⁸

2. Celso. Não se sabe do nascimento ou da morte deste filósofo grego, nem o local. Sabe-se, no entanto, que viveu no segundo século da era cristã. Foi o primeiro a escrever contra o cristianismo. Escreveu «*Verídico Discurso*» em 175 A.D., onde crítica a historicidade do Velho Testamento. Foi Orígenes que na sua réplica ao «*Verídico Discurso*» o divulgou em 284 A.D., na sua obra contra Celso.

«Celso cita um judeu que escreveu: Infligimos castigo a um homem que vos enganou... Ele (Jesus), foi castigado pelos judeus por Seus crimes.»⁹

«Celso cita a agonia de Cristo, e a Ele se refere quando pronunciou as palavras: «Pai, se é possível passa de mim este cálice.»¹⁰

3. Luciano, já mencionado, nasceu no ano 120 A.D.. Na sua obra «*O Peregrino*», escreve: «O homem que foi crucificado na Palestina porque introduziu este novo culto (o cristianismo) no mundo.»¹¹

4. Tácito. Cornélio Tácito nasceu no ano 55 A.D. e morreu no ano 120 A.D. foi discípulo de Júlio II. Escreveu muitos poemas, hoje quase todos perdidos. Escreveu ainda os seus Anuais. Ao falar no incêndio de Roma por Nero, no ano 69 A.D., expressa-se deste modo: Nero declarou réus e castigou com os

maiores requintes de crueldade uma classe de homens aborrecidos pelos seus vícios, a quem o povo chamava cristãos. Cristo, originador deste nome, sofrera a pena de morte, no reinado de Tibério sentenciado pelo procurador Pôncio Pilatos.»¹²

Falando dos Anuais de Tácito (XV:44), onde aparece o termo *cristiani*, Jorge Brando, na sua obra, «*Jesus Cristo É Um Mito*», diz: «É uma denominação que dificilmente pode ter sido conhecida por Tácito quando escreveu os Anais. O vocábulo grego, Cristo no lugar do Messias, não entrou em uso até à época de Trajano.»¹³

Isto só impressionaria a quem desconhece por completo a História, porque esta argumentação não resiste à prova. Tenta fazer parecer que Tácito (o historiador Gaio, Cornélio Tácito), tenha vivido muito tempo antes do Imperador Trajano. Mas a história diz que eles foram contemporâneos. Tácito viveu até após a morte de Trajano! Este último nasceu em 52 A.D. e morreu, segundo a Enciclopédia Britânica, em 8 de Agosto de 117 A.D.. Tácito o historiador, nasceu em 55 A.D. e morreu no ano 120! Portanto, se fosse verdade que o termo Cristo começou a ser usado em lugar de Messias na época de Trajano, Tácito, que viveu além daquele imperador, conhecia-o!

5. Suetónio (viveu na 1.ª parte do segundo século). Escreveu as biografias dos doze primeiros imperadores. Segundo Giuseppe Siccotti, Suetónio declara na sua obra «*Vida de Nero*»: «Infligiram-se suplicios aos cristãos, classe de homens de superstição nova e maléfica.»¹⁵

O mesmo historiador, quando trata de Cláudio diz que ele «expulsou de Roma os judeus, os quais, excitados por Cristo, provocavam frequentes tumultos.»¹⁶

São de F.F. Bruce estas palavras: «É muitíssimo provável, porém, que o choque entre os judeus de Roma nessa época se devesse à recente introdução do cristianismo nos círculos judaicos da urbe, e que Suetónio deparando com relatos de disputas entre os judeus acerca de uma individualidade cujo nome era *Cristus* (mera variante de Cristo em círculos gentios), concluisse erradamente que este vulto que se achava em Roma no tempo de Cláudio fosse Jesus.»¹⁷

G. Ricciotti também julga não se poder duvidar de modo nenhum que o apelativo *Cristo* usado por Suetónio, seja o mesmo termo grego Cristo. Da mesma maneira acontece com Tácito sempre que se refere ao termo *Cristianos* para se dirigir aos cristãos. Podemos assim concluir que em Roma, cerca de vinte anos após a morte de Cristo (Jesus), os judeus residentes ali, disputavam a respeito de ser Jesus o Messias prometido, o Cristo. Portanto: «Suetónio, que escreveu setenta anos depois, diz textualmente Ricciotti — está pouco informado sobre o cristianismo, imaginando que este Cristo havia estado em Roma e provocado tumultos.»¹⁸

Poderíamos citar outros testemunhos; ficamos por aqui para não tornar este trabalho muito extenso. Resta dizer que entre as descobertas em Jerusalém, há uma lápide de mármore na qual se acham os nomes dos principais *Rabis* (mestres), que ensinaram

no século I A.D., e entre esses é mencionado Jesus Nazareno.»¹⁹

CONCLUSÃO

Desconhecer a historicidade de Jesus Cristo implica «renunciar não só à literatura cristã, como à não cristã.»

As escavações arqueológicas trazem à luz verdadeiros monumentos cristãos do período romano e bizantino. São um indiscutível atestado da passagem de Jesus pela terra.

Guilherme Ramsay dedicou 45 anos a investigações arqueológicas com o objectivo de negar a veracidade do Novo Testamento, mas com cada descoberta confirmava em pormenor a exactidão histórica e geográfica. Jesus nasceu! Viveu! Morreu! Ressuscitou!

E se hoje te pergantassem: «Quem diz o povo que eu sou?»

«Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.» — Mateus 16:13, 16.

1. Filipe Schaff; «*A Pessoa de Cristo*»; pág. 129
2. *Ibidem*, pág. 30.
3. Daniel H. Dupuy — *Op. cit.*; pág. 29
4. F.F. Bruce — «*Merece Confiança o Novo Testamento*»; pág. 132.
5. Sanhedim
6. F.F. Bruce; *op. cit.* pág. 140.
7. *Ibid.*
8. Head, *op. cit.*
9. *Ibid.*
10. *Ibid.*
11. *Ibid.*
12. *Ibid.*
13. *Ibid.*
14. *Ibid.*
15. *Ibid.*
16. *Ibid.*
17. Jorge Brands — «*Jesus Cristo é Um Mito*»; pág. 43
18. *Ibid.*
19. Giuseppe Ricciotti; «*Vida de Jesus Cristo*»; pág. 104.

Programação para os Jovens Portugueses



Excursão

Excursão — 7-15 Agosto — 15.000\$00

Lisboa - Ceuta - Málaga - Alicante - Valência - Sagunto
Peñíscola - Madrid - Badajoz - Lisboa

Alojamento e Alimentação a cargo dos próprios

Acampamentos Nacionais na Costa de Lavos

- **Tiços:** 6-11 anos
1-10 Julho — 4.150\$00
- **Camporee:** 12-16 anos
10-21 Julho — 5.500\$00
- **Desbravadores:** 12-16 anos
22-31 Julho — 4.150\$00
- **Jovens:** 20-35 anos
3-14 Agosto — 4.150\$00
- **Companheiros:** 17-22 anos
14-21 Agosto — 3.500\$00
- **Famílias**
21-31 Agosto — 4.150\$00



1.º Regional Centro

Fomos 95, os participantes do 1.º Regional Centro. Usufruímos, e desde já o nosso agradecimento ao Departamento de Jovens pela cedência das instalações, do «luxo» da Costa de Lavos, para resistir à chuva e ao vento forte e gélido que nos quis estragar a festa, sem o conseguir.

Chegámos na quinta-feira de tarde, com preocupações, e partimos na terça-feira, com certezas e alguma saúde já. Contámos com a participação de 25 tições, 35 Desbravadores e 27 Companheiros, dos quais um número apreciável ensaiava a sua primeira experiência em Acampamentos.

Tivemos 23 investiduras com representantes de todas as classes, desculpem... 24, porque realizámos 1 investidura que terá sido inédita em Portugal. O Tiago com 5 anos, lutador indómito por um lenço, foi investido e será com certeza o embrião de uma futura classe dos 3 aos 6 anos, a que chamámos provisoriamente «Os rebentos», e recebeu um lenço que fez inveja, o que, não sendo oficial, promete...

O pastor Eduardo Teixeira prendeu-nos e enriqueceu-nos com uma visão do Santuário, de

rara beleza, bem como com um apoio espiritual que todos os que o experimentaram guardarão como um momento alto da sua permanência em Lavos.

Na cozinha, a equipa foi sensacional, quer na qualidade, quantidade como variedade. Parabéns, minhas senhoras! Por mim, podem ficar «ad eternum»...

O programa de actividade, em si, foi «aventureiro». Incentivou-se um convívio, formando grupos com representantes de todas as igrejas e depois... foi viver o Sábado com a sua componente espiritual e concursos bíblicos sobre o Êxodo...; o Domingo, com umas mini-olimpíadas, para que o espírito Olímpico não se perca...; e a segunda-feira, com um dia quase às avessas, que «baralhou meio mundo», desde os pequenos aos maiores.

Acreditamos que o próximo Regional será ainda melhor... Por isso aqui fica o convite e os agradecimentos a todos os que permitiram que este Regional fosse uma realidade.

Até sempre — *Leão**

* Alberto Pereira da Silva

Universitários Adventistas

O Departamento da Juventude levou a efeito durante três dias, coincidindo com as férias da Páscoa, um Encontro dos Universitários adventistas. Realizou-se nas instalações do INATEL, na Foz do Arelho e estiveram presentes mais de 90 jovens.

O encontro contou também com a presença do Dr. Teófilo Ferreira, professor da Faculdade Adventista de Teologia (em Collonges), que brilhantemente

e sob a direcção de Deus, apresentou o tema: «O jovem Adventista e a Fé», o qual serviu para debates e reflexões.

Vários jovens testemunharam do valor deste encontro, considerando que tinha ocorrido num momento oportuno e os tinha ajudado a firmar a decisão de permanecerem ao lado de Cristo e de desenvolverem e aprofundarem o conhecimento acerca da Sua vontade.

Neste lugar paradisíaco, três



Encontro de Universitários

dias passam demasiado depressa. Ficou, no entanto, a decisão de ter pelo menos um encontro como este uma vez por ano, bem como promover outro tipo de actividades sócio-culturais (excursões, visitas a locais arqueológicos ou de outro interesse, etc.).

Aproveitou-se o ensejo para reestruturar a Associação dos Universitários, ficando o Departamental de Jovens da União como seu responsável. Foram designados como acesores para

Pós-Universitários, Universitários e Pré-Universitários, respectivamente, Emanuel Esteves, Luz Santos e Miguel Cordeiro.

Mais uma vez ficou demonstrado quão úteis e necessários são estes encontros específicos. Rogamos a Deus que o jovens universitários portugueses possam, consciente e consagrada-mente, colocar os seus talentos e conhecimentos ao serviço do Senhor e da Sua Igreja, onde quer que se encontrem. — *José Carlos Costa.*

Portalegre: Investidura de Tições e Desbravadores

A cor da mudança, em Portalegre, é o AZUL, e foi com essa cor que uma nova «casta de gente» invadiu a igreja local, às 16 horas de Sábado, 27 de Fevereiro passado. Para os presentes, a curiosidade foi substituída

pela admiração, pelo respeito e até por lágrimas.

26 crianças fardadas a rigor, sendo 14 do Clube de Tições e 13 do Clube de Desbravadores, entraram pela porta principal, precedidos pela bandeira nacio-



nal e pelas dos respectivos clubes.

A comoção tocou o ponto alto quando, de mão no peito, os meninos e meninas, orgulhosos das suas fardas, juravam fidelidade a Deus e aos princípios que os uniram a todos os clubes de Tições e Desbravadores do mundo inteiro.

Esta cerimónia de investidura foi dirigida pelo Pr. Carlos Costa e marcou um passo importante nas actividades e vida da igreja por se tratar de uma

cerimónia inédita na cidade de Portalegre. A nova farda azul suscita a curiosidade de muitas pessoas que nas ruas perguntam a que grupo pertencem — pensando tratar-se de Escuteiros. As respostas a estas perguntas permitem-nos ter já um grupo em preparação para uma nova investidura.

A juventude é a esperança do amanhã e a certeza do presente. — *Mário Cabral dos Santos*, Pastor.

Macedo de Cavaleiros: Acampamento

Realizou-se, de 12 a 15 de Fevereiro, o 1.º Acampamento Labor. Quinta das Laranjeiras - Moncorvo foi por nós escolhido por ser um lugar com um enquadramento paisagístico maravilhoso onde o cantar dos passarinhos e o burbulhar das águas eram qual música celestial.

Jovens, Desbravadores e Tições de Macedo de Cavaleiros e Moncorvo ali se reuniram durante 4 dias, tendo como convidados alguns jovens que vieram de Sintra, os quais com o seu calor e amizade cristã, vieram transmitir mais fé e ânimo a estes dois clubes. Bem hajam por terem vindo!

Na sexta-feira foi o encontro de todos e o momento da instalação: apanhar lenha, limpeza do local, etc. Mas ainda sobrou algum tempo de convívio para nos conhecermos melhor. Ao pôr-do-Sol fizemos subir ao Céu os nossos cânticos de louvor, e depois do jantar tivemos uma reunião em que o tema por nós apre-

sentado suscitou grande interesse e a participação de todos.

Era Sábado e, no campo ou na cidade, o povo de Deus reunia-se para adorá-ŦO e nós assim fizemos. Depois de alguns exercícios de aquecimento e o pequeno almoço tomado tivemos o momento de participação de todos. O tema era «A juventude e o segredo do êxito». Que leva os jovens Adventistas a vencer? A vida de José serviu de exemplo e ponto de partida. Tivemos também um teste de conhecimento bíblico.

À tarde, mais uma vez, a cultura de cada um foi posta à prova. À noite, como não podia deixar de ser, participámos numa pista nocturna, em que a capacidade e destreza de todos resistiu à prova, apesar das dificuldades e do frio nocturno. Mas havia uma surpresa: as filhozes trazidas pelas irmãs Fátima e Lurdes, de Moncorvo!

Domingo, os jovens lá estavam prontos para mais um dia de actividades. Cantando serra

acima, lá fomos nós, onde cada um fez juz do que é ser um desbravador! Ao almoço tínhamos convidados; alguns dentre o grupo de Moncorvo vieram partilhar o repasto com os jovens. À tarde teve lugar uma partida de baseball, onde todos mostraram as suas habilidades, incluindo os irmãos de Moncorvo.

Segunda-feira: último dia. Depois do pequeno almoço, a fuga para os montes, a saída das cidades, a perseguição e a viagem no rio, vencendo a corrente lutando com todas as forças para alcançar a outra margem, a alegria de vitória.

5 horas da tarde: as lágrimas começaram a brotar dos olhos do que partiam e também dos que ficavam. Todos receberam uma lembrança de presença. Que pena ter chegado ao fim, diziam os jovens.

Para todos, cremos que foi benéfico, e damos graças a Deus pelos belos dias de Sol que nos concedeu (quando em quase todo o país chovia), em que juntos com a Natureza e com Deus nos



Na hora do desporto

podemos recrear e onde o amor e a graça de Jesus estiveram presentes.

Maranata! — *José Dias*, Colporteur-Evangelista.

Funchal: Baptismo de 3 jovens

Eis mais um breve flash deste lado do Atlântico, aonde tudo parece ter morrido! Mas aqui, estamos para manifestar um pouco de vida eclesiástica!

Foi em Abril. Tivemos o prazer de ver descer às águas baptismas mais três jovens que se uniram para fortalecer a igreja do Senhor nestas paragens.

O trabalho do Senhor vai conhecendo em cada dia novos horizontes, novas realidades,

realidades que se transformam em frutos, tal como estas três preciosas almas que se decidiram pelo Senhor: Rui Alberto Monteiro, Ricardo Jorge R. Teixeira e Elvio Edgar T. Gil.

Gratos pelas bênçãos outorgadas por Deus ao Seu povo, para que possamos também exclamar: «Até aqui nos ajudou o Senhor». — *Ilídio Nascimento Carvalho*, Pastor.



Jovens baptizados no Funchal

do o lugar e em todo o tempo. Era este o acontecimento em direcção ao qual apontavam os sacrifícios do Velho Testamento. Esse evento reconciliava o mundo com Deus (II Cor. 5:19); livrava a humanidade do poder de Satanás; ele abria a porta à vida em união com Deus. Por isso, como cristãos, nós não nos envergonhamos da cruz; ela é a garantia do nosso perdão, a base da nossa certeza de salvação e o penhor da nossa vida eterna em Deus. «Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo» (Gál. 6:14; *Testemunhos para Ministros*, pp. 161, 162).

Embora a cruz e a ressurreição de Cristo sejam o ponto de foco de todas as eras (cf. Heb. 9:26), a iniciativa divina não termina nelas. O Cristo ressurrecto ascendeu à mão direita do Pai, pede que o Espírito Santo seja enviado ao mundo (João 14:16, 26). O Espírito sempre impeliu homens e mulheres a seguirem a Deus; agora Ele vem para uma nova acção. Sem Ele, a nossa vontade é fraca, tão inclinada ao mal que não podemos, por nós mesmos, escolher o bem. Mas Ele fortalece a vontade para que possamos responder às boas novas e aceitar o dom da salvação (cap. 3:5-8; 7:17; Fil. 2:13). Deste modo, o ministério de Jesus se perpetua; o Espírito convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8).

Assim, a salvação é a história da graça e do amor. O Deus que Se deleita em perdoar redimiu o mundo através de Jesus Cristo. Nesta história, em todos os pontos, Deus toma sempre a iniciativa.

Secção 3. A resposta humana à graça

Conquanto Cristo tenha, através da Sua morte, redimido o mundo e pago a penalidade de cada pecado, nem todas as pessoas terão, de facto, a experiência da salvação. Porquê? Porque Deus não coage nem sequer para o nosso maior bem. Ele proveu a salvação como um dom, mas não nos força a aceitar esse dom. Ele fez a reconciliação, mas nós temos de concordar em ser reconciliados.

A resposta humana à graça centra-se na fé, e a essência da fé é a confiança, é acreditar no que Ele diz (Rom. 14:23; Heb. 11:1). Na Bíblia, um grande exemplo de fé é Abraão, de quem Paulo diz, citando o Velho Testamento, que «creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça» (Rom. 4:3; cf. Gén. 15:6). Ora, no contexto de um concerto feito por Deus, a fé de Abraão não é mera aquisição intelectual, mas uma resposta de confiança total

nas promessas de Deus. É uma pronta disposição de se submeter completamente a Deus e aceitar a Sua palavra. Neste acto de fé, Abraão está em relação directa com Deus, e o resultado é a obediência (Heb. 11:8). Assim, ele obedece a Deus e é circuncidado (Gén. 17:22-27). A fé, em sentido bíblico, nunca é meramente um acto mental, mas é sempre uma relação de «fê, que opera por amor» (Gál. 5:6; cf. *The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 6, p. 1111; *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 398).

Não há na fé qualquer mérito em si mesma. Não somos salvos pela fé, mas pela graça: «Porque pela graça sois salvos, por meio da fé» (Efés. 2:8); «Nada há na fé que a faça nosso salvador» (*The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 6, p. 1071). Em vez disso, a fé é o meio, o instrumento através do qual reivindicamos o dom de Deus da salvação; a fé é a nossa aceitação pessoal da cruz como o acto decisivo de Deus em nosso favor.

Ninguém irá a Deus se não for Ele a atrair-nos a Si (João 6:44; *Ibid.*, p. 390). Os nossos rostos desviaram-se d'Ele e nem sequer temos o desejo de voltar. A nossa vontade está tão enfraquecida que escolhemos apenas o mal continuamente (Jer. 13:23). Mas o Espírito Santo fortifica a nossa vontade, despertando em nós um anseio por Deus. Ele leva-nos a arrepender-nos; a sentir pena de ter pecado, e desviarmo-nos deste à medida que, com fé, nos volvemos para receber o dom de Deus (*The SDA Bible Commentary* Ellen G. White Comments, vol. 6, p. 1073; *O Desejado de Todas as Nações*, p. 123). Assim, a fé é, em si mesma, um dom que Deus nos oferece a todos nós (Efés. 2:8; *Mensagens Escolhidas*, livro 2, p. 375) através das Sagradas Escrituras.

Não podemos compreender plenamente a maneira como o Espírito Santo fortalece a nossa vontade de modo a produzir a fé. Poderíamos dizer que recebemos a salvação de Deus porque escolhemos fazê-lo, mas temos de afirmar também que seja o que for que de humano haja na fé isso só é possível devido à iniciativa divina através da obra do Espírito Santo. Por conseguinte, não pode haver qualquer «jactância» na nossa fé (Rom. 3:27).

A possibilidade de fé é também a possibilidade da sua rejeição. Podemos resistir ao apelo do Espírito e rejeitar o dom que Deus nos oferece. Mas se o fizermos, condenamo-nos a nós próprios, porque teremos rejeitado a graça e desprezado o amor (João 3:18, 19).

Os resultados da salvação de que nos



«Mediante o sacrifício feito em nosso favor, os pecados poderem ser perfeitamente perdoados. A nossa confiança não está no que o homem pode fazer; sim, naquilo que Deus pode fazer pelo homem por meio de Cristo.» — Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, livro 2, p. 21.

A graça de Deus surpreende sempre aquele que a si próprio se considera justo

apropriamos pela fé são totalmente abrangentes; nós somos radicalmente reorientados; temos uma nova posição e uma nova vida em Cristo. Todavia, temos de compreender que conquanto estes aspectos se possam separar para maior clareza do debate, na prática eles nunca se separam. A actividade salvadora de Deus, que nos declara Seus filhos e filhas, é, simultaneamente, uma relação transformadora (Rom. 5:1-5; Tito 3:5; Heb. 10:16, 17; *Thoughts From the Mount of Blessing*, p. 114).

Secção 4. O novo estado em Cristo

O novo estado em Cristo é demasiado rico para ser definido por um único termo. Entre as muitas expressões usadas na Bíblia para descrever esta realidade, as principais são: justificação, reconciliação, perdão, adopção e santificação. Cada um destes termos, conquanto commumente usados pelos cristãos, tem um uso e significado bíblico distintos.

1. Justificação. Esta palavra provém do contexto de um tribunal. Nós somos considerados como criminosos, levados a juízo no tribunal da justiça de Cristo. Ao ser-nos lida a lei, sabemos que somos culpados. Mesmo que nos declarássemos inocentes em termos de conformidade externa, a lei prova também os nossos motivos e desejos e derruba as nossas defesas: «A lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado» (Rom. 7:14). Mas agora eis que há uma agitação no tribunal. O nosso Advogado levanta-Se para falar em nossa defesa. Em vez de concordar com a nossa morte, Ele apresenta a Sua morte; reconhecendo, embora, a nossa desobediência, Ele aponta para a Sua obediência. Em vez de reivindicar a nossa justiça, Ele cobre-nos com a Sua justiça (*Parábolas de Jesus*, p. 311). Deste modo, Ele constitui-Se nosso Representante (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 249; *The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 7, p. 925, 258). Por causa d'Ele o veredicto é pronunciado: Absolvido! Ficamos livres das acusações da lei que anteriormente nos condenavam. Este é o significado da justificação pela graça mediante a fé (Rom. 3:21-26).

2. Reconciliação. O quadro aqui é extraído das relações humanas. Amigos apartaram-se; instalaram-se amargos sentimentos de indiferença; contudo, uma das partes já agiu no sentido de restaurar a relação; Ele avançou até ao limite e para além das expectativas, pensamentos ou actividades humanas com o objectivo de endireitar as coisas. Deus tomou, mais uma

vez, a inicitativa; «Reconciliou-nos consigo mesmo, por Jesus Cristo» (II Cor. 5:18). No que Lhe diz respeito, toda a causa de má vontade foi removida. Mas a segunda das partes envolvidas permanece afastada. Abriga sentimentos de culpa pelas actividades que levaram à rotura das relações; alimenta-se das suas hostilidades. Porém, um dia, a desesperança da situação e a magnanimidade da primeira das partes tocam o seu coração. Ele dá meia-volta e fica reconciliado (II Cor. 5:20; cf. Rom. 5:10; *Thoughts From the Mount of Blessing*, pp. 115, 116).

3. Perdão. Esta palavra está relacionada com o mundo das transacções financeiras. Segundo a parábola de Jesus, dos dois devedores, nós somos confrontados com um débito que nunca poderemos pagar. É tão imenso que nunca poderemos ter esperança de o saldar (Mat. 18:25-35). Este débito representa o nosso pecado. Porém, em meio desta condição desesperada, Deus cancela graciosamente o débito, através de Jesus Cristo. «Cristo morreu pelos nossos pecados» (I Cor. 15:3). Todas as nossas contas estão totalmente pagas; desfrutamos do estatuto daqueles que não têm mais nenhuns débitos de pecado, e que, portanto, perdoam aos seus devedores (Mat. 18:22, 33).

4. Adopção. Este modelo é tirado das relações familiares. Encontramo-nos numa condição miserável, órfãos num mundo hostil. Buscamos um lar, um lugar de aceitação, um sítio onde pertencer. Estamos «sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo» (Efés. 2:12). Então, um dia, somos adoptados. O nosso Pai completa todas as formalidades, paga o preço completo da adopção, constituindo-nos Seus próprios filhos. Dá-nos as boas-vindas ao Seu lar e concede-nos todos os seus direitos e privilégios. Recebemos o estatuto pleno de filhos e filhas Seus. «Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos» (Gál. 4:4, 5; cf. Rom. 8:15; *Parábolas de Jesus*, p. 250).

5. Santificação. Esta palavra é geralmente usada pelos cristãos para referirem crescimento em direcção ao ideal divino. Contudo, na Bíblia, ela tem um sentido muito mais amplo, significando um novo estatuto. Assim, frequentemente, significa «dedicação» ou «consagração», pois Paulo dirige as suas cartas aos «santos» ou «santificados» (ex., Rom. 1:7; I Cor. 1:2;



Vice presidente da Conferência Geral, Calvin Rock preside à Comissão das Comemorações de 1888. «Animamos os líderes da igreja a programarem actividades que possam levar os membros a uma melhor compreensão da justificação pela fé, um assunto que sobressai dramaticamente da sessão da Conferência Geral de 1888», refere ele. Está sendo preparado um programa especial para o Conselho de Outono da Conferência Geral, a realizar em Nairobi, e para as reuniões da Divisão Norte Americana que terão lugar em Novembro, em Minneapolis.

II Cor. 1:1; Efés. 1:1). Semelhantemente ele escreve aos Coríntios: «mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados» (I Cor. 6:11). O sentido provém do contexto do santuário. Em Israel, tudo e todos associados ao santuário tinham de ser apartados do uso profano e «consagrados» ao serviço de Deus. Do mesmo modo, num mundo em rebelião, Deus tem aqueles que Lhe pertencem, que foram apartados do mundo e separados para Ele. Porque aceitaram a Sua graça através da fé, já não pertencem ao príncipe do mal. Estão selados com o selo identificador do próprio Deus; são Sua propriedade, a qual Lhe é muito cara no meio da perturbação deste mundo (Fil. 2:15; *Testemunhos para Ministros*, pp. 49, 50).

Estes termos — justificação, reconciliação, perdão, adopção e santificação — juntamente com os conceitos que vinculam, apontam todos para o nosso novo estatuto de cristãos. Dizem-nos quão elevados são os nossos privilégios e quão sagrado é o nome pelo qual nos chamamos (*The SDA Bible Commentary*, Ellen. G. White Comments, vol. 6, p. 1070).

Estes termos sugerem igualmente responsabilidade. Porque somos filhos e filhas do Rei dos Céus, temos de viver de uma maneira que seja apropriada ao nosso estatuto real. Tendo sido absolvidos em tribunal por Jesus ter tomado o nosso lugar, haveremos de mostrar a nossa gratidão através do modo como vivemos. Dado que nos tornámos conscientes das medidas divinas que levaram à nossa reconciliação, entre elas a morte de Cristo na cruz, já não podemos tomar o conhecimento de Deus levianamente. Removido o pesado fardo da nossa culpa, haveremos de precaver-nos para não cair de novo sob a escravidão do débito. Agora que já não nos encontramos sozinhos e alienados, haveremos de regozijar-nos na nossa nova família e procuraremos honrar o Seu nome. Porque Deus chamou-nos do mundo, não podemos manter o estilo de vida do mundo e perseguir os seus objectivos e ambições (II Cor. 6:16-18).

Por isto, nós temos uma nova atitude em relação ao pecado e ao pecar. O domínio do pecado nas nossas vidas foi quebrado; somos servos de Cristo, a quem submetemos os nossos membros «como instrumentos da justiça» (Rom. 6:12-19). Podemos todas as coisas em Cristo que nos fortalece (Fil. 4:13). Deus deseja que obtenhamos a vitória sobre cada pecado: «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis» (I João 2:1). Mas mesmo se escorregarmos e cairmos, os nossos pecados não são exactamente como os dos não-remidos. Os actos podem parecer

idênticos, de um ponto de vista exterior, mas a atitude interior em relação aos mesmos é radicalmente diferente. O descrente sente-se à vontade com o pecado, indiferente às suas consequências e a sua rebelião à lei de Deus é muitas vezes deliberada. Porém, o crente, quando peca, odeia o pecado e o pecar, porque foram a causa da morte do seu Salvador, e ele não deseja crucificar de novo o Filho de Deus (I João 3:4-10; Heb. 6:6; *O Conflito dos Séculos*, p. 373).

Enquanto estivermos numa relação de fé com Deus, manteremos o nosso novo estatuto de filhos Seus. Embora possamos, por vezes, ser vencidos pela tentação, não somos abandonados, porque ainda temos um Advogado com Deus o Pai, Jesus Cristo, o justo (I João 2:1), que é fiel e justo para nos perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda a injustiça (I João 1:9). Continuaremos a ser membros da família divina. Não é a boa ou má obra ocasional que indica a direcção em que nos movemos, mas sim a tendência geral da nossa vida — se voltámos a ser rebeldes de coração ou se estamos mantendo a nossa relação de fé (*Aos Pés de Cristo*, pp. 53, 54; *A Ciência do Bom Viver*, p. 249).

O novo estatuto envolve a nova relação. Não se podem divorciar um do outro. Tendo recebido o dom da salvação, vivemos agora pela fé. Precisamos de buscar a Deus dia a dia, em amorável confiança, voltando costas ao orgulho que existe em nós e confiando inteiramente n'Ele. A relação há-de crescer a ser fortalecida; se tal não acontecer, enfraquecerá e morrerá. Deus aceitará o primeiro caso, mas não impedirá o segundo. Ele não violará o elemento da liberdade humana em fé. Se nós permitirmos que a nova relação morra, não mais poderemos reivindicar os benefícios do novo estatuto da salvação (Heb. 6:4-8; João 15:4-8; *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 366).

O novo estatuto em Cristo está inseparavelmente ligado a nova vida. O dom da salvação, recebido pela fé, faz de nós novas pessoas. O amor divino toma a iniciativa e desperta em nós um amor responsivo, de forma que somos progressivamente transformados à semelhança de Deus. Esta transformação tem várias dimensões inter-relacionadas.

1. **Novo nascimento.** Ninguém pode desvendar plenamente o mistério do novo nascimento. O Espírito Santo trabalha em nós e nós «nascemos de novo» ou somos «regenerados» (João 3:4-8). Opera-se uma mudança fundamental na direcção da nossa vida, nas nossas atitudes, nos nossos valores. Mantemos a nossa individualidade,



Na qualidade de director do Instituto de Pesquisas Bíblicas da Conferência Geral, o Dr. Richard Leshner ajudou a coordenar a Comissão Consultiva sobre a Justificação pela fé, de 3 a 4 de Outubro de 1979. A partir do trabalho de três primeiras comissões, Leshner preparou um documento sumário intitulado: «Perspectivas sobre o Plano da Salvação». Ele foi também o secretário do comité redactorial, constituído por 24 membros, que traçou o documento final em Fevereiro de 1980.



Os Drs. Fritz Guy, Gerhard Hasel e William G. Johnson, três professores do Seminário Teológico A.S.D. de Washington, trabalharam juntos sob extrema pressão quanto ao tempo para produzirem o esboço inicial do documento «Dinâmicas da Salvação», em 5 e 6 de Fevereiro de 1980. O comité editorial (graciosamente referido como «os 24 anciãos») e os restantes membros da Comissão Consultiva estudaram, modificaram e aprovaram a sua redacção final.

porém agora ela já não está centrada em nós mesmos; deixámos de alimentar o nosso ego e voltámo-nos para o serviço de Deus e dos homens. «O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito» (verso 6).

2. Restauração. Sob o poder do Espírito, a quase obliterada imagem de Deus em nós entra num processo contínuo de restauração.

Há restauração do ser físico, mental e espiritual (I Tess. 5:23). Em lugar de ansiedade e conflitos interiores, temos «a paz com Deus, que excede todo o entendimento» (Fil. 4:7). Temos alegria infinita, desejando fazer a Sua vontade e bom prazer (cap. 2:13), e viver para Sua glória. Honramo-l'O no nosso corpo, templo do Espírito Santo, apresentando-o como «sacrifício vivo» em serviço (I Cor. 6:19, 20; Rom. 12:1, 2).

Há restauração das relações interpessoais. Vemos todas as pessoas como Deus as vê, sem orgulho de raça, classe social, sexo ou religião. Em Jesus Cristo, todos são um (Gál. 3:28). Amamos os outros: apreciamos-os pelo que são; procuramos compreender as circunstâncias que moldaram as suas vidas; interessamo-nos por eles com interesse cristão.

Há restauração das relações com o mundo físico. No pecado, o domínio sobre a terra, dado a nossos primeiros pais (Gén. 1:26), é exploração; agora, sob Cristo, restaura-se uma mordomia responsável. Passamos a considerar os recursos do mundo como dons de Deus.

3. Crescimento. A nova vida é uma vida de crescimento em Cristo. A imagem divina vai sendo progressivamente restaurada em nós, à medida em que, contemplando o nosso Senhor, somos transformados pelo Espírito (II Cor. 3:18). Este processo é comumente designado por *santificação*, embora a Bíblia se lhe refira de várias formas. «Purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus» (II Cor. 7:1). Assim, nós podemos crescer «em tudo, naquele que é a cabeça, Cristo (Efés. 4:15; cf. *Profetas e Reis*, p. 233; *Testimonies*, vol. 6, p. 350; *The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 5, pp. 1146, 1147).

O crescimento espiritual reflecte-se nas nossas palavras e acções. Estas «obras», porém, são o resultado da nossa salvação e não o meio de a obter. Através do Espírito que habita em nós, nós damos o fruto do «amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança» (Gál. 5:22, 23). Este fruto é a prova de que nos tornámos filhos e filhas

de Deus (*The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 6, p. 1).

A vida cristã implica uma nova criação com a lei de Deus. Em vez de nos sentirmos da instrução divina e busca escapar-lhe, agora deleitamo-nos em nhecer e seguir a vontade de Deus (40:8). Colocamos a nossa vontade do da vontade de Deus e abandonamos o pecado conhecido; deste modo a Sua vontade cumpre-se nas nossas vidas (Rom. 8:13-10; Gál. 5:14).

A vereda da obediência conduz-nos a um conhecimento cada vez maior da vontade de Deus para nós (Prov. 4:18). A sua magnificação na vida e ensinamentos de Deus, nós vemos que se trata de bem mais do que de um conjunto de regras apelando a um cumprimento exterior. Vemos que a sonda até os nossos pensamentos e motivações e intenções do coração. Além disso, a obediência não é uma mera ausência de transgressão; é uma vida de bondade positiva. Centra-se em amorável acção, não estudada, em relação a cada coisa cuja vida tocamos. É uma vida que na sua própria esfera de acção espelha a vontade de Deus na Sua, na medida em que «o impulso de auxiliar e abençoar a outros vem constantemente do íntimo» (*Paráde Jesus*, p. 384; Mat. 5:20-48; *Thou From the Mount of Blessing*, pp. 76-77).

Com tal compreensão, não podemos tentar enumerar a nossa obediência a Deus. Mesmo que fôssemos capazes de listar todas as más acções que evitamos, todos os actos de bondade que realizamos, nós não poderíamos contar os segredos dos nossos próprios corações. Nem podemos dizer que amamos como devíamos amar, como Deus ama.

A vida de obediência é apropriadamente medida pelo grau de entrega pessoal e total a Cristo. Já deixámos de lado a nossa confiança em nós. Quanto mais cristãos tornarmos, menos confiaremos em nós mesmos; melhor compreenderemos quão longe nos encontramos do modelo divino. Mas porque nós somos revestidos da perfeita justiça de Cristo, a qual cumpriu todos os requisitos da lei. «A nossa confiança não está no homem, mas no homem que Deus pode fazer; sim, naquilo que Deus pode fazer pelo homem por meio de Cristo. Quando nos entregamos inteiramente a Deus, e cremos plenamente, o sangue de Cristo purifica de todo o pecado a nossa consciência, e a nossa consciência pode ser libertada da condenação. Pela fé no Seu sangue, todos podemos ser aperfeiçoados em Cristo Jesus. Gloriamo-nos em Deus porque não estamos lidando com possibilidades. Podemos reivindicar a santificação» (*Mensagens Escolhidas*, liv. 1, p. 32).

4. **Graça e fé.** Nós não vivemos a vida cristã de maneira diferente daquela em que primeiro aceitámos a fé. Tendo aceite a salvação através da fé, não confiamos agora em conseqüências humanas (Gál. 3:1-5). A cada momento da nova vida que agora vivemos, do seu princípio até à sua glorificação final, nós confiamos inteiramente na graça recebida através da fé. «Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim, andai n'Ele» (Col. 2:6; *Aos Pés de Cristo*, p. 69). Mediante o Espírito Santo, Deus opera em nós tanto o querer como o efectuar» (Fil. 2:13). É a iniciativa divina que sustenta a nossa vida em Cristo, do mesmo modo que foi ela quem nos trouxe à existência (*The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 6, p. 1071).

Devemos alimentar a fé. O crescimento não é automático; a obediência não é mecânica. Deus quer recriar-nos à Sua imagem, mas temos de estar prontos a fortalecer a nossa relação com Ele (João 15:1-8). Temos de alimentar-nos da Sua Palavra, comungar com Ele em oração e contar o que Ele fez por nós (II Tim. 3:16, 17; I Tess. 5:17; Marcos 5:19). Dia a dia, temos de compreender mais plenamente a Sua vontade e conhecer pela prática novas dimensões do empenhamento cristão.

5. **Certeza.** A nova vida envolve certeza (Heb. 10:19-22). A nossa salvação foi assegurada pelo mais decisivo acto na história: a morte e ressurreição de Cristo. Sabemos que Aquele que começou a boa obra em nós não nos deixará a lutar sozinhos. Sabemos que enquanto pusermos a nossa confiança n'Ele, Ele nos segurará pela mão e nunca nos largará (*A Ciência do Bom Viver*, p. 182). Ele tem poder para completar os Seus desígnios em nós, apresentando-nos sem qualquer mácula diante da Sua presença, com alegria inextinguível (Fil. 1:6; I Cor. 1:8; I Tess. 5:23). Já passámos da morte para a vida; já o Espírito dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos e filhas de Deus (I João 3:14; 5:8-20; Rom. 8:16). Ele dá-nos a Sua paz no meio da luta e a Sua força quanto baste para todas as nossas necessidades (João 14:27; II Cor. 12:9). Não-somente Deus em Cristo fez uma vez por todas sacrifício pelos nossos pecados, mas também agora temos um grandioso sumo-sacerdote no santuário celestial, onde Ele sempre vive para interceder por nós e para do trono da graça, nos enviar auxílio em tempo oportuno (Heb. 7:25; 4:16; *Mensagens Escolhidas*, livro 2, pp. 32, 33).

6. **Louvor.** Assim, nós alegramo-nos no Senhor (Sal. 20:5; Fil. 4:4). Em cada experiência da vida, nas trevas como na

luz, Ele está connosco (Heb. 13:5). O Seu jugo é suave e Ele dá-nos repouso (Mat. 11:28-30). Arraigados e sobreedificados n'Ele, e confirmados na fé», abundamos» em acções de graças» (Col. 2:7). Em todas as coisas, Ele trabalha para o nosso bem; «somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou» (Rom. 8:28, 37). O Sábado é a celebração da Sua criação, da Sua salvação e da Sua presença libertadora. Na realidade, cada dever da vida é dedicado ao Senhor do Amor que nos libertou. Através do cumprimento fiel da mais humilde tarefa e por afavelmente partilharmos as boas novas da salvação, o nosso desejo é dar glória ao nosso Pai celestial (Mat. 5:13-16; *O Colportor Evangelista*, p. 77).

Secção 6. A consumação

«Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque, assim como é, O veremos. E qualquer que n'Ele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro» (I João 3:2, 3). Este é o alvo da vida santificada em Cristo.

Agora a nossa devoção é imperfeita e os nossos desejos são confusos. Agora conhecemos em parte. Agora somos assaltados por dúvidas em meio da paz, desapontados no meio da alegria. Agora a nossa obediência é embaraçada pela nossa fragilidade. Um dia, porém, seremos como Ele. «A nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso, segundo o Seu eficaz poder de sujeitar, também, a Si todas as coisas» (Fil. 3:20, 21).

O tempo aproxima-se do fim. Vivemos já no tempo do fim. O relógio da profecia assinalou que a fase final da grande controvérsia entre o bem e o mal começou em 1844, com o juízo de Deus, o qual tem lugar exactamente antes do Advento. O povo de Deus de todas as eras tem ansiado pelo juízo de Deus (Apoc. 5). Tem-no aguardado com expectativa, como sendo o tempo em que o povo de Deus será defendido e o universo restaurado a um estado perfeito e sem pecado. Assim, nesta hora de juízo (Apoc. 14:6-12), agradecemos a Deus por Cristo, nosso Advogado, através de Quem, somente, podemos ficar de pé no julgamento, cujo amor nos motiva para um viver santificado e que em breve entregará todas as coisas ao Pai (I Cor. 15:24-28).

**A consumação
está
às portas.
É a iniciativa
final
de Deus
na Sua
actividade
salvadora**

A consumação está às portas. É a iniciativa final de Deus na Sua actividade salvadora.

Deste modo, as dinâmicas da salvação centram-se eternamente na justiça de Deus e Seu filho. A justiça de Deus preenche todas as nossas necessidades. Leva-nos da culpa à justificação, da pecaminosidade à santi-

ficção, da separação à restauração e à glorificação. Opera uma mudança decisiva da escravidão para uma nova vida em Cristo, da servidão em temor para a alegria no Espírito. A salvação vem do Senhor; o Senhor é a nossa justiça! (Jonas 2:9; Jer. 23:6).

NOTÍCIAS DO CAMPO

Moncorvo: Inauguração da Igreja



Exterior da Igreja

«Alegrei-me quando me disseram vamos à casa do Senhor.» O Nordeste transmontano era o destino de alguns irmãos que, vindos de Avintes, Coimbra, Guarda, Viseu e Gouveia, quiseram partilhar o seu amor e amizade cristã com todos aqueles que nesta simpática vila se estão preparando para a vinda do Senhor Jesus.

Era o dia 30 de Abril; o local de destino: Moncorvo.

Passavam alguns minutos das 15 horas quando se iniciou a cerimónia de dedicação da nova igreja.

Depois do Pr. Eduardo Teixeira, responsável pelo grupo, ter saudado todos os presentes, o Pr. J. Casaquinha fez o histórico do mesmo, mostrando como nasceu a primeira sala em Moncorvo. Recordo: o papel dos nossos amigos Florindo e esposa, que levou às visitas do Ir. Rogério Santos, às visitas que ele próprio efectuou, assim

como do Pr. Eduardo Teixeira. No culto, o Pr. Morgado fez então um apelo ao coração de cada um dos presentes a aceitarem Jesus como Seu Salvador. Coube ao Pr. J. Casaquinha fazer a oração de dedicação da sala.

Cânticos de adoração e louvor foram dirigidos ao Senhor por um dueto de Moncorvo, por Viseu com o seu belo Coro, e pelo grupo de Coimbra. Foi um Sábado maravilhosos para todos os que estiveram com o pequeno grupo de Moncorvo.

Depois da festa de investidura dos primeiros Desbravadores, só me resta dizer que foi uma linda cerimónia; a alegria e a emoção eram patentes em cada um dos presentes.

Como foi bom ouvir à saída algumas visitas dizerem-nos: Então até Sábado!

Rogamos a Deus que esta sala do Moncorvo possa ser a semente para levar a todo o Nordeste Transmontano a Mensa-



Aspecto da assistência

gem do Advento. A todos os que nos honraram com a sua presença o nosso Bem hajam

por terem vindo. — José Vale Dias, colportor-evangelista.

Colportor Domingos Freixo: já em casa

O Ir. Domingos Freixo, adjunto do Departamento de Publicações, já se encontra em casa. Deixou o hospital no passado dia 18 de Abril.

Foi quando trabalhava em Águeda, com o Ir. Manuel de Matos, também colportor-evangelista, que o Ir. Freixo se sentiu mal e teve de ser internado no hospital local. Posteriormente e dada a gravidade do seu estado, foi transferido para o hospital de Coimbra, onde lhe foi diagnosticada uma pancreatite aguda. Submetido a uma intervenção cirúrgica, teve um pós-operatório muito difícil e a sua vida chegou a correr perigo.

Enquanto se multiplicavam os cuidados médicos intensivos, intensificavam-se também as orações em seu favor. Os colportores e outros irmãos que soube-

ram do que se estava a passar intercediam por ele. E Deus ouviu as orações. A partir desse fim de semana mais crítico, ele começou a melhorar, lenta mas progressivamente.

Após uma segunda intervenção cirúrgica, menos melindrosa do que a primeira, o Ir. Freixo teve alta e regressou a casa, ao convívio dos seus. Durante a sua ausência no hospital, Deus abençoara o seu lar com mais um filho. O pequeno Ruben nasceu a 8 de Março.

Pela graça de Deus, o Ir. Freixo continua a melhorar, e embora ainda em tratamento, esperamos vê-lo em breve completamente recuperado e pronto para continuar a servir ao Senhor, onde Ele achar melhor. — Fernando Ferreira, Departamental de Publicações.

Pensando em Mordomia...

«Uma mensagem muito clara, definida, me foi dada para o nosso povo. É-me ordenado dizer-lhes que estão cometendo um erro em aplicar os dízimos em vários fins, os quais, embora bons em si mesmos, não são aquilo em que o Senhor disse que o dízimo deve ser aplicado. Os que assim o empregam, estão-se afastando do plano de Deus. Ele os julgará por essas coisas». (*Conselhos Sobre Mordomia*, pág. 102)

Atalaia do Campo: Campanha Maranata

Este ano houve o arrojo de levar a efeito uma campanha Maranata em Atalaia do Campo. Muito bem preparada. Há meses que se trabalha na sua preparação, com o irmão Reinaldo dos Santos a ser um magnífico pivot.

Já começou com números desconcertantes: 1.^a noite — 60 visitas; 2.^a noite — 80 visitas; 3.^a noite — 90 visitas. Simples-

mente admirável! O que ficará? Provavelmente pouco, mas muito ficará semeado! Eu próprio me apercebi, no trabalho missionário efectuado, da receptividade, abertura, e mesmo admiração, pelo que aqui se desenvolve. Orei em diversas casas com a maior naturalidade. É bom. — *Manuel M. Garrido*, pastor.

Funchal: Breves notícias

Nesta ilha — a Pérola do Atlântico — por vezes acontecem algumas coisas!

Recentemente, nos dias 28 e 29 de Maio, teve lugar, aqui no Funchal, a Assembleia Espiritual que teve como lema: «Levanta-te e Resplandece».

Como convidado, tivemos o prazer de ter connosco o Dr. Daniel Esteves, que muito nos animou e encorajou, comunicando-nos entusiasmo e dinamismo nas diversas actividades

que preencheram estes dois dias de actividades espirituais.

Nestes dias houve um pouco de tudo: Reuniões espirituais e de família — Investiduras de tições e desbravadores — Coros — Poesias — Teatro.

Foram dois dias ricamente abençoados por Deus, pois vai para Ele todo o nosso louvor. Assembleias Espirituais — uma experiência a repetir! — *Ilídio Nascimento Carvalho*, Pastor.



Grupo de Desbravadores



Grupo de Tições

Escolas Cristãs de Férias**Ermesinde**

Aproveitámos as férias escolares do período da Páscoa e fizemos uma Escola Cristã de Férias tendo em vista os nossos pequenos, mas também as crianças cujos pais não são adventistas.

Foi uma experiência muito agradável. Cerca de 20 crianças vieram dia após dia com um interesse renovado. O tempo primaveril ajudou imenso, depois de tantos e intermináveis dias de frio e chuva aqui no Norte. Foi um prazer ver a alegria com que as crianças se dirigiam para a igreja tarde após tarde. Ensinámos-lhes alguns hinos apropriados. Fizemos trabalhos manuais; falámos-lhes da Bíblia e particularmente de Jesus. Todas colaboraram com muito boa vontade e, apesar dos muitos dias da Escola Cristã de Férias, a verdade é que pareceu que todas estavam dispostas a prosseguir mais tempo. Ficou o caminho aberto para o futuro.

No último domingo, substituímos a reunião normal das 18 horas pela reunião de encerramento do programa das crianças. Foi um prazer ver tanta gente na igreja, nesse domingo. Já há muito tempo que num domingo não víamos tanta gente na igreja. As crianças apresentaram um programa interessante perante os irmãos e as visitas, e foi servindo um lanche, que constitui um momento sempre agradável em qualquer programa. No futuro procuraremos manter contacto com as crianças que nos visitaram, provavelmente através do grupo de Ti-

ções e Desbravadores. Na perspectiva do futuro, nenhum trabalho é feito em vão. — *Olinda Santos*.

Alpendurada

Pela primeira vez na curta história desta pequena igreja, realizou-se uma Escola Cristã de Férias. Dirigi-a com muito gosto, tendo passado todos os dias da Escola em Alpendurada e assim pude manter um contacto muito estreito com todas as crianças.

Vinte e cinco foi o número das que vieram com regularidade. A maior parte eram crianças do exterior. Pontualmente às 15 horas nos encontrávamos para o início do programa. Algumas irmãs ajudaram e isso permitiu uma boa disposição do programa. A primeira apresentação foi deveras interessante e as crianças estavam todas entusiasmadas. Alguns crentes, lá ao fundo da sala, olhavam com interesse o que se estava passando. Cantámos o hino dos M.V. e levámos a bandeira de Portugal e da Juventude Adventista para a frente. Foi um ritual simples, mas que prendeu a atenção de todos, e no dia seguinte, ainda vieram mais crianças, devido ao interesse que as actividades tinham criado no dia anterior. Foram-lhes ministradas histórias bíblicas e seculares, fizeram muitos trabalhos manuais, jogos ao interior (quando choveu, uma vez por outra) e jogos no exterior — no belo pátio da igreja — quando o tempo estava bom. Todos os dias tivemos o



Professores e alunos em Alpendurada



Um sorriso feliz e um olhar atento na Escola Cristã de Férias

momento dos refrescos, e esse era dos mais apetecidos pelas crianças, como podem imaginar.

Na última reunião — que foi um sábado à tarde — vieram todos muito lindos com os seus melhores fatos. A igreja estava quase cheia. Portaram-se muitíssimo bem; eu própria não esperava que fossem tão capazes e que estivessem tão entusiasma-

dos em fazer tão bem. Alguns pais estavam muito felizes por verem os filhos cantar, dizer poesias e apresentar trabalhos interessantes. A Escola Cristã de Férias é realmente um manancial de boa disposição e tem um cunho verdadeiramente missionário. — *Celeste Pereira de Matos*

Sangalhos: Baptismos

Realizámos no passado dia 30 de Abril uma bela cerimónia baptismal no baptistério da igreja de Vila Nova de Monsarros, na qual selaram o seu pacto com Deus pelas águas do baptismo os seguintes irmãos: Américo Figueiredo, Arminda da Silva Pinho, António Almeida Pinho e Ana Maria da Silva Pinho. Todos estes irmãos passaram a pertencer à igreja de Sangalhos, enquanto que o primeiro está ligado ao grupo de Pedralva.

Estes baptismos foram rea-

lizados graças aos esforços e dedicação de vários irmãos de Sangalhos e Vila Nova de Monsarros, nomeadamente o irmão António Santiago, que todos os Sábados à tarde costumam ir passar a Escola Sabatina e o Culto na nossa sala do grupo de Pedralva. Ali temos ainda outras pessoas adultas e jovens, que esperamos o Senhor ajude a decidir a fim de que em breve outros mais se possam unir ao povo do Senhor naquela localidade. — *M. N. Cordeiro*

O Perigo de Rejeitar o Espírito de Profecia

Corrigenda

Neste artigo que saiu na R.A. de Maio, pág. 8, saiu uma gralha, que embora pareça infima, altera completamente o sentido da frase. Assim, na 18.º linha a contar do fim, onde se lê: «Quando os Testemunhos que foram outrora criados,...»; deve ler-se: «Quando os Testemunhos que foram outrora criados,...».

CURSO DE DOCTRINA

— para membros da igreja —

1-15 DE AGOSTO DE 1988

NO COLÉGIO ADVENTISTA DE OLIVEIRA DO DOURO

Dirigido pelo Pr. Ernesto Ferreira

Plano do Curso:

1. Introdução ao Novo Testamento
2. Desenvolvimento histórico das Doutrinas Adventistas
3. Organização da Igreja e Técnicas de Evangelismo

Preço da Inscrição: 1.000\$00

Preço da Alimentação e Quarto: 8.000\$00

O CAMPO É O MUNDO — NOTÍCIAS

Guebwiller: Clube de Reflexão Bíblica

De colaboração com a liga *Vie e Santé* local, a igreja adventista de Guebwiller organizou um clube vídeo. O plano é mostrar cada mês uma cassete de vídeo e a seguir organizar um debate sobre o tema apresentado. A variedade das cassetes e dos temas contribuirá para proveitosas trocas de impressões sobre

saúde, evolução, a existência de Deus, Jesus de Nazaré, Israel, Jerusalém, etc.

Os animadores do clube, Gilbert Fury e Werney Frei, desejam demonstrar que as bases do Cristianismo, tais como são apresentadas nos textos bíblicos, são indispensáveis numa sociedade secularizada.

Berlim: esperança dentro do Muro

A cidade de Berlim Ocidental está cercada por um muro. É uma pequena ilha ocidental dentro da Alemanha Democrática. Ali está sendo levado a efeito um Instituto de Evangelismo, que começou as suas actividades em 17 de Janeiro. Cerca de 40 pessoas, pastores e leigos, seguem os respectivos cursos três

vezes por semana, num total de 167 horas. Aos Sábados à tarde, cerca de 150 membros participam um Seminário sobre crescimento de Igreja. E de noite, em diferentes lugares, realizam-se 27 seminários sobre diversas matérias. O povo manifesta maior interesse pelos temas ligados à saúde.

A 16 de Fevereiro, no nosso hospital de Waldefriede, houve um Seminário sobre Stress, no qual participaram 210 não-adventistas. Vários médicos deram a sua colaboração a esse seminário e em toda a campanha. Brad Throp, que dirige o Instituto, declarou: «É muito difícil interessar o povo de Berlim em temas religiosos, mas podemos sempre ir ao seu encontro através de seminários sobre saúde.»

«Berlim», diz por sua vez H. Mayer, evangelista alemão, «é uma verdadeira sociedade secular. Há 20 anos, tínhamos 20 igrejas e cerca de 2 000 mem-

bros. Hoje temos 1 200 membros em 13 igrejas, embora algumas estejam superlotadas.»

Quando o interrogaram sobre os alvos da campanha, o Pr. Mayer respondeu: «40 decisões para o baptismo já seria um bom resultado. Esperamos ver um verdadeiro reavivamento espiritual nas nossas igrejas.»

Berlim tem agora uma oportunidade de erguer os olhos para Jesus. Brad Thory e a sua excelente equipa estão dando o seu melhor para levar luz e amor aos berlinenses. — J. Graz

ADRA — Divisão Euro-Africana: Breves notícias

A 14 de Maio, todas as nossas comunidades participaram numa oferta especial para o Fundo de Sinistrados e Famintos, gerido pela ADRA.

Eis algumas informações a respeito de algumas acções empreendidas pela ADRA-Divisão Euro-Africana desde o princípio do ano. Não estão incluídas acções ainda em curso ou permanentes, como, por exemplo, a ADRA-Moçambique, etc.

ADRA-Divisão Euro-Africana

- a) 20 000 dólares [Esc. 2 800 000\$00] para a reconstrução da leprosaria de Kokkana, no Nepal, destruída por um ciclone.
- b) 20 000 dólares [Esc. 2 800 000\$00] para a compra de sementes para a Etiópia [Projecto lavra familiar].
- c) 12 000 dólares [Esc. 1 680 000\$00] concedidos às regiões sinistradas do Brasil.

- d) 10 000 dólares [Esc. 1 400 000\$00] concedidos para a compra de medicamentos para a República de São Tomé.

Em colaboração com a Assistência Social Adventista

- a) Financiamento do transporte de 30 toneladas de roupa para o Leste. Encomenda preparada pela A.S.A. da França-Norte.
- b) Financiamento do transporte de 20 toneladas de roupa para Madagáscar. Encomenda preparada pela A.S.A. Belga
- c) Financiamento do transporte de 8 toneladas de roupa para a Hungria. Encomenda preparada pela A.S.A. Suíça-alemã. — Ulrich Frickart, ADRA-Divisão Euro-Africana.

Paris: um Liceu diz Não ao Tabaco

Após várias palestras e planos de 5 dias, o director, os professores e os 450 alunos do «Lycée professionnel Bouvet» decidiram proibir o tabaco dentro da escola. A experiência, que começou em Janeiro de 1988, tem

sido um êxito. Jean Surel, pastor aposentado, fez 8 palestras sobre o tema, após o que professores e alunos tomaram tal decisão, externamente original em França.

Paris: Um livro sobre a Igreja Adventista

A Igreja Adventista em França beneficia de uma boa imagem junto das grandes igrejas. Ela soube desenvolver uma política de relações interconfessionais muito aberta, mantendo, simultaneamente, a sua identidade. Vários adventistas foram convidados a redigir artigos ou a participar em comissões interdenominacionais. Esta colaboração é geralmente apreciada. O último exemplo é a publicação de um livro sobre a Igreja Adventista, publicado nas Edições Católicas.

Trata-se da primeira obra em língua francesa sobre os Adventistas e foi confiada ao professor Richard Lehmann, deão da Faculdade Adventista de Teologia de Collonges-sous-Salève. Logo a seguir à publicação em Março de 1988, o livro foi apresentado na maioria das livrarias religiosas da França e dos países de língua francesa.

Ref. Richard Lehmann, *L'Eglise adventiste du 7ème jour*, Editions Brepols.

Paris: Aumento de Instituições «Self-Supporting»

O *French Life and Health Bulletin* referente ao primeiro trimestre de 1988, assinala que existem em França 30 instituições adventistas operando em moldes de autofinanciamento. A maioria está relacionada com

a área da saúde e promove o estilo de vida vegetariano. Entre estas instituições encontram-se restaurantes, quintas, estabelecimentos de venda de produtos dietéticos e de assistência a pessoas com problemas de drogas.

São Tomé: Primeira Assembleia Administrativa da Igreja Adventista

Após 20 anos de crise, a Igreja Adventista de São Tomé teve a sua primeira assembleia administrativa de 30 de Abril a 1 de Maio de 1988. 68 delegados, representando 343 membros adultos, elegeram os seus dirigentes e estabeleceram um programa definido para as actividades dos próximos três anos. A constituição de um movimento de jovens, a formação permanente dos quadros da igreja e a educação sanitária foram consideradas prioridades nesse programa.

O novo presidente da Igreja Adventista de São Tomé é o Pr. Manuel do Espírito Santo. Ao dirigir-se à congregação, ele falou do novo nascimento da Igreja. Estiveram presentes, da parte da Divisão, os Prs. G. Stéveny e J. Graz.

A Igreja Adventista de São Tomé poderia ter celebrado o seu primeiro ano de unidade após a independência da ilha. A unidade foi reencontrada graças

aos esforços conjugados da Divisão Euro-Africana, da União Angolana e de solicitações do Governo da jovem república democrática.

O primeiro ministro, Dr. Celestino da Costa, teve um papel de primeira plana nesta evolução.

A unidade provocou um verdadeiro renascimento da igreja. No ano de 1987 baptizaram-se 87 pessoas, o que equivale a um crescimento de 35%.

Reencontrada a unidade, a solidariedade internacional adventista vai-se manifestar através da renovação da igreja central e do centro administrativo. Projectos que incluem uma escola e um dispensário serão em breve objecto de estudo.

A 29 de Abril último, o Dr. Celestino da Costa recebeu uma delegação da Igreja Adventista, presidida pelo Pr. G. Stéveny.

No decurso da entrevista, o Primeiro Ministro de São Tomé

lembrou o interesse que manifesta às igrejas cristãs e à Igreja Adventista, da qual foi aluno num das suas escolas primárias.

Falou-se de cooperação no domínio da saúde e da agricultura. — *J. Graz*

possui cerca de 8 000 membros, 50% dos quais tem menos de 30

anos. O crescimento numérico é lento, mas regular.

Angola: uma igreja jovem

Há perto de 90 000 adultos membros de igreja em Angola. Esta estatística não inclui os territórios controlados pela UNITA.

A população adventista, incluindo crianças, eleva-se a mais de 200 000 pessoas, numa população total de 8 milhões de habitantes. 70 a 75% dos adventistas angolanos têm menos de 30 anos. O congresso de jovens, que teve lugar em Luanda, em Outubro de 1987, reuniu mais de 6 000 jovens.

No Huambo, a 7 de Maio deste ano, por ocasião da visita do Pr. John Graz, director de jovens da Divisão, a igreja da Kalomanda organizou uma cerimónia de investidura de desbravadores. 220 jovens — 81 tições e 139 desbravadores — receberam o seu certificado de adesão ou qualificação. E quase 2 000

jovens e crianças assistiram a essa cerimónia que teve lugar nas instalações da igreja central.

Pela primeira vez em Angola, após a independência, foi organizado um seminário de formação de dirigentes de jovens. Teve lugar de 9 a 10 de Maio último. 45 pastores e animadores de juventude seguiram esse programa especial apresentado pelos Prs. Stéveny e Graz.

Um dos objectivos deste seminário era a organização sistemática da juventude adventista em Angola. A cidade de Luanda tem 11 igrejas adventistas organizadas, 20 grupos e 3 000 membros adultos. Cada Sábado cerca de 8 000 pessoas participam nos cultos e demais reuniões. 70% têm menos de 30 anos.

Angola: Actividades do Seminário:

Apesar das condições socio-políticas, o Seminário Adventista de Angola continua as suas actividades. Deslocado de Bongo para a cidade do Huambo, tem 60 alunos inscritos, que seguem um programa de teologia com a duração de quatro anos,

o qual é um pouco o modelo de Collonges-sous-Salève.

Espera-se poder construir brevemente um dormitório e intensificar os contactos com a Faculdade de Teologia de Collonges. — *J. Graz*

Praga: Visita do Pr. John Graz

De 31 de Março a 11 de Abril do corrente ano, o Pr. John Graz visitou as igrejas da Checoslováquia. Começou pela igreja de Praga, a capital, onde cerca de 800 pessoas assistiram às reuniões, e prosseguiu até às igrejas de Morávia e Eslováquia.

John Graz teve oportunidade de pregar 13 vezes em igrejas sempre repletas. Nas reuniões

de Brno e Bilanski estavam presentes representantes do Estado. O acolhimento dos membros foi muito cordial. O referido irmão, que é o director de jovens da Divisão, ficou muito bem impressionado pela grande proporção de jovens que assistiram às reuniões. Em 1990 haverá um grande encontro de jovens da Checoslováquia.

A igreja da Checoslováquia

Berna: uma Escola com 5 000 alunos

O Instituto Bíblico por correspondência é uma associação internacional patrocinada pela Igreja Adventista, que reúne todos os cursos bíblicos por correspondência nos diversos países da Divisão. No ano de 1987, a média de alunos regulares, em onze dos países da Divisão Euro-Africana, foi de 5 000 alunos. Durante esse mesmo período, o instituto recebeu 12 285 pedidos de inscrição, dos quais 3 790 se inscreveram efectiva-

mente, sendo o número dos que receberam um diploma por haverem terminado os seus estudos, 1 743.

Os melhores resultados foram registados pela Espanha, Angola, França e Moçambique. 329 correspondentes foram baptizados após terem seguido um ou vários cursos. As estatísticas revelam um certo progresso em relação a 1986, sem todavia chegarem aos resultados de 1985. — *J. Graz*

Bruxelas: êxito dos Planos de 5 Dias

Segundo o Pr. Roger Lenoir, da Associação Vida e Saúde, 1 666 pessoas deixaram de fumar em 1987, como resultado de 30 planos de 5 dias para deixar de fumar, levados a efeito na parte da língua francesa da

Bélgica.

Dado a apreço que a comunidade manifesta pelas actividades da Associação, o governo da Bélgica concedeu-lhe um subsídio no valor de Esc. 1 540 000\$00.

Roma: apreço pela Igreja

A imagem da Igreja Adventista tem vindo a melhorar em Itália devido a dois acontecimentos: o acordo entre a Igreja e o Estado (de que já demos notícia na Revista) e a popular iniciativa de uma lei proibindo a publicidade do álcool, iniciativa da

juventude adventista italiana. Rádios e televisão, incluindo a Rádio Vaticano, convidaram vários pastores e fizeram boas referências à Igreja. A rádio nacional ofereceu 1 minuto por dia ao Pr. Barbuscia durante um mês, em 1987.

Roma: Liga Vida e Saúde oficialmente reconhecida em Itália

O Ministério da Saúde reconheceu oficialmente a acção da Liga Vida e Saúde Italiana e animou-a a prosseguir nas suas actividades, principalmente em favor da desintoxicação tabágica.

França: Associação-Sul

A Associação da França-Sul teve a sua assembleia em Perpignan, de 11 a 15 de Maio de 1988. Foi reeleito seu presidente o Pr. Jean-Pierre Fasnacht, que é bem conhecido no país devido às suas conferências «Bíblia e Arqueologia». — *J. Graz*